

38
Cama, meia e roupa lavada

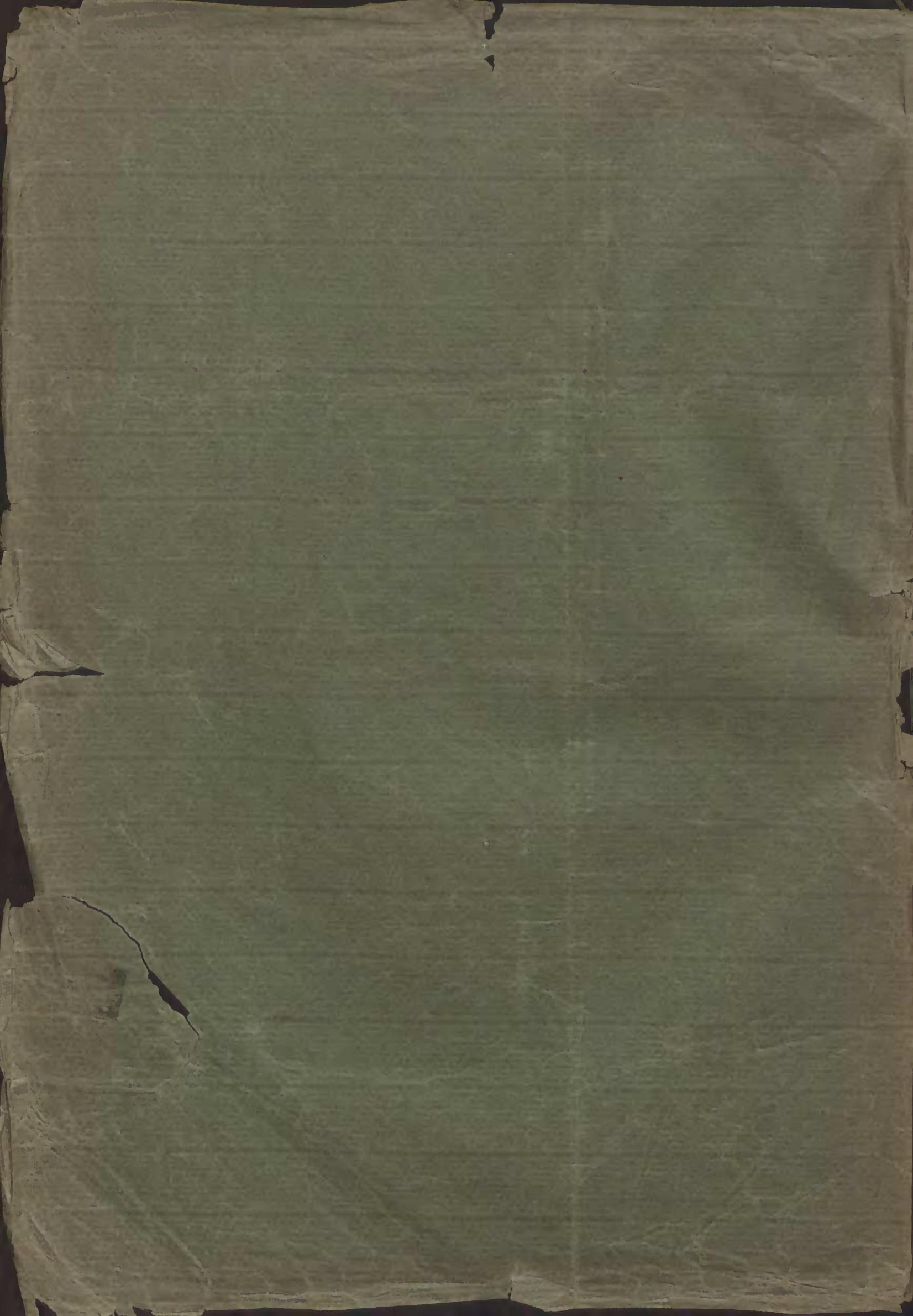
Comédia em 3 actos

de

Arnaldo Pereira

e

Carvalho Barbosa



cod.
12155

Personagens

O Magnifica Costa

Larino

Leuz

Arão Lavedra

Teodorito Alves

Hipólito

O maior Amancio

Castanheira

Um guarda-noturno

Em Lisboa - Actualidade



COMPRA
283848

Cod.
12155

Acto primeiro

Sala de jantar numa casa de pensão em Lisboa. Ao F. C. corredor, ao fundo do qual ha uma porta para a escada. Janela ao F. D. para a rua. A' C. quartos n.º 6 e 7 e porta para a cozinha. A' D. quartos n.º 4 e 5 e porta para o interior. Grande mesa de jantar. Buffet. Sobre uma mesa, um gramofone de canfranula e discos. Piano ao fundo. Telas paredes, oleografias e um assustador retrato, a crayon de D. Magnifica. Um bengaleiro ao F. C. Uma cadeira de balço. Quando sobe o pano, Lastanheira, na cadeira de balço, dorme, um jornal tapando-lhe a cara. Amancio escreve uma carta na mesa de jantar.

Scena I

Luz, Amancio, Hipolito e Lastanheira

Hipolito

(vindo do F. C. depois de colocar no bengaleiro o chapéu de chuva a escorrer agua) Boa tarde, menina Luz.

Boa tarde, sr. Hipolito. Chove muito?

Hipolito

Um diluyio. Pela cascada da Gloria, a agua era tanta que até parecia as cataratas do Niagara. Eu nem via o elevador!

Amancio

Com as cataratas não admira.

Luz

Foi de repente. Ainda ha pouco, quando fui à praça da Figueira, fazia calor.

Amancio

Estas quedas subitas de temperatura, fazem-me um mal dos diabos. Dão-me cabo do cadaver!

Hipolito
Está claro. Da sua idade, as quedas são pe-
rigosíssimas.

Amancio
(formalizado) Pau! Ai torna o Hipolito como
a minha idade ás voltas!

Luz
Deixe-o falar, sr. Amancio. Aquilo é só
para o ouvir...

Hipolito
Isso, menina Luz! Amanse-o... Amanse-o...

Amancio
(indo à janela) Chove cada vez mais. Já vejo
que não posso sair hoje!

Hipolito
É verdade. O medico não o deixa apanhar agua...

Amancio
Por causa do tratamento, é claro. Durante tres
ou quatro mezes, nem sequer posso molhar
a ponta do nariz. Agua, nem vê-la! Seria
a minha morte!

Luz
Ah! Mas o sr. major toma banho?...

Amancio
Sim, tomo. Graças a Deus. Tomo todos os sa-
bados, quando estes dias caem nas vespe-
ras de domingo.

Hipolito
Ess' agora! É não lhe faz mal a agua?

Amancio
Não, porque eu vou para a tina, de casaco de
borriacha, galochas e chapéu de chuva.

Castanheira
(acordando de mau humor) Então hoje não se
almoça nesta casa?

Luz
Vá já, sr. Castanheira. A sr.^a ainda não veio...

Castanheira
A senhora? Qual senhora? A D. Magnifica? E
que tem isso? Nem eu sou antropofago, nem
a senhora é coisa que se coma. Que tal está, hein?

Luz
E, depois, o sr. Aarão...

Castanheira
Já cá tardava o sr. Aarão.

Hipolito
O Castanheira, então!?

Castanheira
Também dispense o sr. Aarão. Venham os
carapaus do costume, o arroz do costume,
o bife do costume, os ovos do costume, e
quem quizer que se entretenha com o
resto. Ora o diabo!

Hipolito
(abrindo o piano e começando a tocar qualquer coisa,
só com um dedo) O Castanheira acordou mal
humorado...

Castanheira
Para acordar era preciso que eu estivesse
a dormir... e eu não durmo nunca, sr.
Hipolito! Vocês bem sabem que eu passo
as noites a vela!

Luz
Lá isso é verdade. É uma vela por noite...

Amancio
Pronto. Já acabei a correspondencia. (a *Luz*)
Então não serve o almoço?

Hipolito
Não serve, está claro. Lá em casa, o almoço
nunca serve para nada.

Castanheira

Venha o almoço, irra?

Leuz

Mas a senhora...

Castanheira

Mande despir a senhora e ponha os carapaus na meza!

Scena II

Os mesmos e D. Magnifica

Magnifica

(vindo da rua pelo F. C. fadada de preto, muito grotesca, gestos sacudidos, modos bruscos) Sr. Castanheira: o sr. bem sabe que eu nunca me dispo a's ordens das creadas!

Hipolito

Tem, carradas de razão, D. Magnifica. Aqui lo foi uma maneira de dizer do nosso Castanheira. E vagros a's soflas, que eu tenho de estar na "Brazileira" antes das duas.

Magnifica

(a Leuz) Sirva o almoço. (Leuz sai para a cozinha)

Amancio

E o Arão?

Magnifica

Esse, como de costume, e' o ultimo a chegar. Estou mais farta disto! (vae tirando o chapu) Fortissima! (espeta com forca o prego no chapu).

Castanheira

Olhe que fura os olhos do passaro, D. Magnifica!

Magnifica

Deixe furar. O passaro e' meu... O Hipolito fecha-me ali aquela janela, sim? (Hipolito obedece) Molhei os pés todos...

Hipólito

Todos... e não são muitos! (já estão à mesa e Luz vai servindo o almoço)

Magnífica

Se isso é para me chamar centopeia, agradeça.

Hipólito

Perdão. Se eu lhe quizesse chamar insecto, tinha a inquieta borboleta, tinha a laboriosa abelha, tinha a canceirosa formiguinha, tinha...

Lastanheira

e tinha outros insectos, como as pulgas, traças e baratas, que não são para aqui chamadas.

Amancio

Lastanheira! Que que numa senhora não se bate nem com uma barata!

Magnífica

Deixe-o lá. Talvez os senhores não dessem por isso; mas a verdade é que, desde que o meu divórcio é um facto, ali o sr. Lastanheira resolveu fazer-me a corte.

(gargalhadas)

Lastanheira

(engasgando-se) Hein! O quê? A corte? Fazer-lhe a corte, eu, depois de me dar um bife tão duro que até parece sola?

Hipólito

Segundo ouvi dizer, um dos seus antepassados deu-lhe sola de molho.

Lastanheira

Isso é piada para me chamar sapateiro? Veja lá se lhe cae algum dente com a gracinha...

Magnifica
Não serve em pouca água. É a história da
Nau Latrineta. Tem na Bíblia.

Amancio
Esta agora é de primeira ordem! Um ovo com
duas gêmas!

Magnifica
É verdade. São duas gêmas, gêmeas, epis-
terios da procreação. (com um suspiro) Só os
pode avaliar quem já foi mãe...

Castanheira
A propósito de mãe: já sabe alguma coisa
da sua pequena?

Magnifica
Nada; o pai levou-a... Deve estar uma senhora.

Amancio
E nunca mais?

Magnifica
Nem novas, nem mandatos. Uma tragédia!

Lipolito
Por enquanto, tudo escuro. Eu, porém, continuo
a pesquisar.

Magnifica
O Afonso foi sempre um pateta... Não se mexia
para nada...

Amancio
É sempre é certo?

Magnifica
O divórcio? Claro que é. É piza hoje o ano
que a lei nos dá para refletir. Amanhã
estou livre.

Amancio
É ainda muitíssimo aodial! (outro tom) Quer
manteiga, D. Magnifica?

Hipólito

Isso. Agora chegue-lhe manteiga, a vêr se pega...

Castanheira

E depois, digam que sou eu...

Scena III

Os mesmos e Darão Saavedra

Darão

(pel. F. C.) Sôfa! Venho num lago! Líquido por fora, líquido por dentro... Sou um homem líquido! Muito, boas tardes as minhas pantufas, o Luz! E os meninos, já repararam? A chorver desta maneira, e o tempo quente, a atmosfera cálida e a água ardente!? O Luz, então as pantufas?

Magnífica

O Luz tem mais que fazer. Não pode ir agora à cata das suas pantufas.

Darão

O filha, é que...

Magnífica

Basta! Vá o senhor buscá-las, se quizer!

Hipólito

(levantando-se, a Castanheira) Temnos molho.

Castanheira

E de mostarda.

Luz

(aparecendo com as pantufas) Aqui estão as pantufas.

Darão

És um anjo! Bôff! Mas que calor!

Hipólito

(a Castanheira) Vamos ao cafésinho, amigo

Lastanheira! Tenho uma senhora fare-
ceza à minha espera...

Lastanheira
Pois sim, vamos lá, do Juízo?

Não. Do Gêlo.

Aarão
NÃO caíam nessa, com este calor, o gelo
derreteu todo... (fazendo inauditos esforços
para descalçar uma bota) Bonito! Lá se me
despiegou o tacão!

Lastanheira
Eis cá prefiro a "Brazileira". (a Aarão)
Lá o esperamos, ó Fravedra.

Aarão
É o esperas!... Um café onde nunca se
encontra ninguém! Se entro pelo Pocio,
à procura dum fulano, o fulano sai pela
Rua 1.ª de Dezembro; se entro pela Rua 1.ª de
Dezembro, o fulano sai - se pelo Pocio. Nada!
"Brazileira", só a do Chiado. Ao menos, ali,
uma pessoa entra por onde sai e sai por
onde entra.

Então, até logo.

Amancio
(a Hipólito) Você faz-me um favor? Deita-me
esta carta num Ingreco!

Hipólito
Pois não, major.

Lastanheira
Estamos com sorte. A chuva parou. Até logo.
(sai com Hipólito)

Aarão
(sem conseguir descalçar a segunda bota) Desculpem não

lhes estender a mão porque estou às voltas com os pés...

Amancio

É o que se chama meter os pés pelas mãos...
(entra no quarto n.º 2)

Scena IV

Araão e Magnifica

Araão

(chamando a criada)

Luz! O Luz!

Magnifica

Sra! que berreiro! Tãle mais baixo! Que Luz tão forte!

Araão

Eu sou assim. Não gosto de luzes apagadas. Mas descanse que, para a outra vez, quando chamar a criada, ponho "abat-jour"! O Luz!

Magnifica

Mas, afinal, o que é que o senhor quer da Luz?

Araão

Vra, o que fei-de querer? Quero esta bota tirada e o almoco na mesa.

Magnifica

A bota, tire-a o senhor. E, quanto ao almoco, já não ha almocos.

Araão

Mas eles não são até às duas?

Magnifica

São.

Araão

Então...

Magnifica

São... para os outros.

lentas...

Arao

Magnifica

O senhor não é "outro". O senhor é o se-
nhor.

Arao

É olha que já não sou pouco, sendo "isto tudo".
É claro que eu sou eu. Mas, além de ser eu,
sou hospede.

Magnifica

O senhor não é hospede, porque não paga.

Arao

Não pago, porque sou teu marido! Isto é um
circulo vicioso.

Magnifica

Vicioso é você! Mas quem tem vicios, pa-
ga-os, e o senhor bem sabe que o nosso divor-
cio está a correr...

Arao

Pois deixa-o correr! E enquanto ele corre não
meurras tu a mim! Tu não me rasas e
como.

Magnifica

Como hospede?

Arao

Como, está claro.

Magnifica

Como, mas não paga.

Arao

Não pago... como marido. De resto o divorcio
ainda não foi dado.

Magnifica

Acaba hoje o prazo.

Arao

A meia noite. 365 dias para refletir, acho

pouco. Mas, seja como for, a verdade é que, até às zero horas tenho direito ao almoço. O Luiz!

Magnífica

Essa agora é melhor! Tem direito ao almoço, diz o senhor?

Aras

Do almoço das duas, ao jantar das sete e ao chá das vinte e três. Até à meia noite tenho direito a cama, mesa e roupa lavada... como marido, é claro. Cama, mesa e roupa lavada! Toda a razão da minha existência. *(numa explosão súbita de indignação)* Dois entãõs! Ou a senhora julga que um marido é pr'aqui uma coisa que se deita para o chifre do lupo, sem dizer "agua vai?" Não, sr.^a. Magnífica! É certo que amanhã passo à categoria de marido que Deus haja, mas hoje ainda é cedo para me atirar ao morturo! É ainda acha pouco o que eu sofri por sua causa? Foram trez longos anos de martirio, de ralhos, de reprimi-
nações, de ciúmes parvos, de noites negras passadas em branco, sem pregar olho! Trez anos de insultos, de beliscos de pontapiés, de safarões inesperados! Uhe que foram trez anos, minha senhora! 1095 dias de tortura! Quinto: 1096, porque um era bisesto! É ainda acha exageradas as minhas reclamações? É ainda ousa proibir que eu, como hospede, coma e, como marido, não pague?

(com voz de stentor) O Luiz!

Magnífica

(investindo para ele) Sr. Aras Lavareda!

Aarão

(mêmo Jem, e erguendo para elle a unica bota que até en-
tão conseguira descalçar) Sr. D. Magnifica da
losta! (um tempo)

Magnifica

(com ironia) Sabe que, estranho deveras a
sua attitude? O senhor, durante os nossos 3
anos de casados, foi sempre um borrego, um
pacifico, um...

Aarão

(interrompendo-a) Uma besta, pôde dizer. Fui,
é certo que fui. Fui, mas já não sou.

Magnifica

Então, quem lhe emprestou essa attitude?

Aarão

Ninguém. Esta attitude é muito minha. Gra-
ças a Deus, não preciso pedir nada empresta-
do a ninguém. Nada, ouviu? (à Luz, que entra)
A não ser uma ajuda para descalçar esta bota.
(Luz apolha e principia a jogar pela bota)

Luz

Ah!

Aarão

O que ha?

Luz

O senhor calçou uma bota de cada cor...

Aarão

Não fui eu. Foi a chuva. A esquerda, que era
amarela, com a agua, desbotou para preto.
Obrigado. E agora traz-me o almoço. (Luz olha
para D. Magnifica) Não ouviu? Traz-me os cara-
pous.

Luz

Os carapaus acabaram.

8
Ontão o bifesinho. *Arão*

Os bifes também acabaram. *Luz*

Arão
Vocês o que querem é acabar comigo! É
aquele bocado de marmelada que tu
fizeste para mim?

Luz
Como era para o senhor, comi - o eu.

Arão
(a Magnífica) Ao menos duas colherinhas da
quela compota de ginfas que tu fizeste
e que ...

Magnífica
A última colherada comi - a ontem.

Arão
Iria que é demais! Vocês, afinal, comem
tudo que fazem! Perguntem-me qualquer
coisa, com a breca! (caminhando ao fundo do cor-
redor do F. C.; Luz vai ver quem é) Acha isto boni-
to, minha senhora? Acha isto decente,
Magnífica?

Magnífica
Não! Já lhe proibi há muito esse trata-
mento familiar! Você para mim é como
um hospede qualquer que ...

Arão
Então, se sou hospede... (berrando) O Luz,
traz-me os carapaus!

Scene V

Os mesmos, Carmo e Teodolito

Luz
Por aqui. (a Magnífica) É um casal chegado

do Porto e que...

Magnifica

Ah! Deve ser a tal senhora brasileira reco-
mendada por aquele sujeito do Rio de Janeiro,
que cá esteve o ano passado... (indo recube-los a
porta) Tenham a bondade... (Carmo e Teodolito en-
tram. Este, alijado de uma pequena mala, traz uma caixa
de violino) Chegam a hora do almoço. V. he^{as}
são naturalmente os hospedes recomenda-
dos por aquele cavalheiro do Rio que está
no Porto, por aquele senhor de Passos Ma-
noel que...

Teodolito

É meu irmão.

Araão

Ah! V. he^o é irmão do Senhor dos Passos? Muito
gosto em conhece-lo pessoalmente.

Carmo

Desta vez Lisboa recebeu-me cruelmente.
Chove demais! Se não fosse o impermeavel...

Araão

Estos de impermeaveis são uma leria! Não
vedam nada! V. he^o, com toda a certeza, vem
humida! (Luz surge da cozinha com um prato) O
que é isso?

Luz

Levo os carapaus para o sr. Laavedra.

Magnifica

Os carapaus? Deita-os ao gato e coloca a boga-
gem destes hospedes no 3.

Luz

Ao gato? Mas do gato são eles, minha senhora...

Araão

Então deita-os fora e traz-me o gato.

Magnifica
(a Carmo) O quarto n.º 3 tem janela para a rua,
duas espaçosas camas...

Carmo
(rindo) Duas? Não serão demais, ó Teodolito?

Magnifica
(com um suspiro) Tem razão, minha senhora.
Quando é grande o amor meia cama
basta!...

Arão
É quando é pequeno, não é preciso cama
nenhuma. Na minha opinião, todos os
casados deviam ter três camas: um para
o marido, outra para a esposa...

Carmo
E a outra?

Arão
A outra... para ambos.

Carmo
Não tem filhos?

Arão
Eu cá nunca tive.

Magnifica
(com tristeza) Eu já tive.

Arão
Já teve, mas agora não tem.

Magnifica
(a Teodolito) A esposa de D. H....

Carmo
O Teodolito não é meu marido...

Teodolito
Tenho apenas a honra de ser procurador da
sr.ª D. Carmo. Teodolito Alves, procurador,
residente no Rio de Janeiro.

Magnífica
Teodolito? Que engraçado! Eu também tive
um tio procurador.

Teodolito
É que eu não sou tio de ninguém.

Aará
Bem sei. É só tio do bito. Eu tive um sobri-
nho que era Tio... Justo

Luz
Então, se não são casados, como ha-de ser?
Só ha o 3...

Teodolito
Não importa. Trei para um hotel. Custa-me
tanto subir escadas... Os hotéis tem todos
ascensor...

Aará
É o grande defeito desta pensão. Quatro an-
dares... lento e quatro degraus...

Luz
Isso pouco me importa. Tenho umas pernas
excelestes, creia.

Aará
Acredito, Nem era preciso V. h. afirmar. Isso
vê-se logo...

Luz
(com um gritinho) Ah!

Magnífica
O que foi?

Luz
Não me lembrava do 4.

Magnífica
É verdade, temos o 4.

Aará
Mas o 4 é meu!

Magnifica
é seu até a meia noite.

Teodolito
(a *Ararã*) V. h. é comensal?

Ararã
Não, senhor. Sou *Ararã* Saavedra.

Teodolito
É hospede, pergunto.

Ararã
Quasi sempre. Minha mulher é que, agora...

Larmo
(a *Magnifica*) é seu marido, então?

Magnifica
Quasi nunca, minha senhora! Portanto, a sr. D. Larmo fica no 3, e o tio de V. h....

Larmo
Tio, não. Procurador.

Teodolito
Teodolito Alves, procurador.

Magnifica
Quê isso. V. h. fica no 3, e o tio do Luto de V. h. vai para o 4.

Larmo
(rindo) Mas isso é um mandado de despejo, sr. *Ararã*!

Magnifica
É levou-me um ano a despejá-lo!

Ararã
Não admira. Eu sempre fui um homem de peso!

Larmo
Não consinto, tudo se arranja, querendo.

Teodolito
Está claro. Hufe, para não desalojar o sr. Saave...

dra, marido de V. h.^a...

Marido, não. h.^a, e.^a Magnífica

Para não desalojar o seu marido, e. Saavedra de V. h.^a... Teodolito

... Ficará num hotel, e amanhã... Larmo

(contrariada) h' que... Magnífica

Fica combinado assim. (a Lenz) Onde é o 3? Larmo

Por aqui, D. Larmo. (a Lenz) Traga água. Magnífica

(a Teodolito) Dê cá o violino e até já. (a parte) Mas que casal tão curioso! (sae com Magnífica pela D. A.; Lenz sae para a cozinha) Larmo

Scena VI

Araão e Teodolito

Araão

h' levou-me os carapaus! Diabos a levem! (encosta-se ao piano, que toca) Teodolito

O cavalheiro toca piano?

Araão

Não, senhor, O piano assusta-me. Ao vê-lo, tenho a impressão duma enorme bocarra, constelada de dentes esfomegados... (apontando para o gramofone) O meu instrumento é aquele.

Teodolito

Nunca toquei.

11
É interessante e não é difícil. Loba-se
um disco, enfia-se uma agulha, e pronto.

Teodolito
A agulha?

Araão
A agulha, sim. Aquilo é uma espécie de
música cozida! (com um suspiro) Música
cozida, mas que não se pode comer, in-
felizmente! Que, aqui p'ra nós, se se
comesse, há muito que eu já tinha todo
o repertório do Bonei na barriga! (Luz
aparece com um jarro com água) Então os ca-
rapaus?

Luz
Sei lá bem dos carapaus! (sac. D. A.)

Araão
(a Teodolito) É isto o que vê. Sou um homem
ao mar e um marido à margem!

Teodolito
Mas, então, sua esposa, não é...

Araão
Não é. Isto é. Ser, é. Mas quasi que já não
é. É e não é.

Teodolito
Então é ou não é sua mulher?

Araão
Até logo, é. Depois da meia noite, não é.

Teodolito
Já percebi. É uma mulher a dias.

Araão
Não. Foi por dias. Agora é por horas.

Teodolito
Como as tifoias.

Absolutamente tipoia. (um tempo) Amanhã
expira.

Sua mulher?

Não. Expira o prazo. Quando digo amanhã,
quero dizer logo, porque logo, para mim,
é amanhã.

Não entendo.

Com seiscentos diabos! Mas então o se-
nhor não entende nada! Ora venha cá.
Nos tribunais corre o nosso divórcio.

Ah!

É o prazo de 365 dias, concedido aos conjugues
em caso de separação, expira hoje, à meia
noite em ponto. De modo que eu, às zero
horas, começo a ser um zero homem.

Ah! Bem!

Ah bem, não. Ah mal!

Mas não se divorciam de comum acordo?

Quasi. Nós divorciamos-nos de comum
desacordo. Ela quer, e eu quero. Quero e não
quero. Isto é. Quero como marido, mas não
quero como hospede.

Como?

Amaral

Não, senhor! Nunca mais como, se deigo de ser marido

Teodolito

Lada vez percebo menos!

Amaral

Valha-me Deus! É que eu, apesar de viver dos rendimentos, sou um belintra, um desgraçado, um sem-vintem! Em duas palavras: um pobre diabo! É, o que vai ser de mim, se não comer de graça?

Teodolito

De graça? Essa tem graça!

Amaral

Eu não lhe acho graça nenhuma! Então o senhor não vê que eu, como marido, tinha direitos?

Teodolito

Os direitos de marido, já cá se sabe.

Amaral

Qual historia! Esses perdia-os eu, de bom grado. Não eram os de marido. Eram os outros! Não sei se me faço compreender: como marido, eu tinha direitos de hospede, percebe? É, agora, não posso exigir...

Teodolito

Está claro. Agora, como hospede, não pode exigir os direitos de marido.

Amaral

É o senhor a dar-lhe com os direitos de marido, irra! Ora vamos lá ver se percebe dumra vez para sempre, seu tio... seu tio... O senhor de quem é tio?

Teodolito

Dos meus sobrinhos!

Ararã
Contão esente. Se eu, na minha qualidade de marido, era hospede, não pagando por ser marido, d' hoje em diante, na minha qualidade de hospede, não sou marido, e tenha de pagar como hospede!!

Teodolito
O' senhores! Mas que trapalhada! Até estou com vomitos e já sinto o estomago embrulhado!

Ararã
(arreliado) Pois desembulhe-o e aproveite o papel e o fio para outra vez. (outro tom)
Adeus, cama! Adeus, mesa! Adeus, roupa lavada! C'est fini! (um tempo) O que hei de fazer agora? Onde hei de dormir? Onde hei de comer?

Teodolito
Mas, se não estou em erro o senhor não disse que vivia dos seus rendimentos?

Ararã
Dos meus, não. Dos rendimentos dos outros. Tui ortopedista. Fabricava fundas. Mas como com^{as} fundas, não arranjava fuzidos, fechei o estabelecimento. Já me lembrei de o tornar a abrir, em frente ao quartel do Carmo, a ver se assim...

Teodolito
Ess' agora! O que tem o quartel do Carmo com as fundas?

Ararã
O que tem? Ora essa! Então o senhor não sabe que as sentinehas são todas rendidas... de duas em duas horas? (um tempo)

Teodolito

é agora o que vai fazer?

Ararã

Primeiro, almoçar. E, depois dos carapaus, arrastar um sítio onde possa cair morto.

Teodolito

Isso ha-de ser difícil. Os terrenos estão caros e o senhor ocupa muito espaço.

Ararã

Tem razão. O unico remedio é morrer aos fascículos. (entra Luz) é os carapausinhos?

Luz

(depois de, como resposta, encolher os hombros, dirige-se a Teodolito) A sr.ª D. Carmo pede-lhe o favor de chegar lá dentro.

Teodolito

(apertando, comovidamente, a mão de Ararã) Creia que o famento profundamente, meu caro senhor... senhor...

Ararã

Laavedra. Ararã Laavedra. Dois AA no Ararã e outros dois AA no Laavedra. Quanto azes. Como um baralho de cartas. (saem D. A.; Luz vai sair pela b.)

Scena VII

Ararã, Luz, depois Magnifica

Ararã

(a Luz, tomando-lhe a saída) Luz!

Luz

Sr.ª Laavedra.

Ararã

Uma palavra só. Tem cá. (Luz deuce) Oh, mi-

nha filha, está's nesta casa ha dois annos, não é verdade?

Luiz
Sim, senhor. Ha dois annos e tal.

Ararão
Tens razas. "é tal." Ha dois annos e tres pri-
mos na guarda republicana. Ora é ou não
é verdade que, durante todo esse tempo, eu
so' tive para ti deferençias e atenções, cuida-
dos e gentilezas, chegando até, a apre-
sentar-te a um primeiro cabo de cavala-
ria, com cavallo, esporas e tudo?

Luiz
Sim, é verdade, sr. Ararão.

Ararão
Quem te deu esses brinços que usas?
Quem te deu, enfim, o cabo de cava-
laria que usas?

Luiz
(já comovida) Foi o senhor.

Ararão
Bem. Então, se na tua alma de menina
e moça de servir, não ha lugar para o es-
quecimento; então, se não és ingrata, Luiz,
permuta os generos com o teu ex-patrão.
É, assim, em troca do cabo que te forneci,
fornece-me tu os carapaus do almoço!
Tem pena de mim, serve humilde e
incompreenda! (tira dinheiro do bolso e dá-lho)
E toma, Luiz! Toma que te dou eu! (chagui-
fica aparece da D. A.)

Luiz
Sr. Ararão, eu não sei se deva... (vendo chagui-
fica) Ah, a senhora!

Arao
Toma! Toma! (preparando, por fim, em *Magnifica*
atrapalhado) Toma!

Magnifica
O que e' isto aqui?

Luz
E' o senhor que me quer dar...

Arao
Era eu que lhe estava a dar...

Magnifica
Eu nao admito que o senhor de' a Luz
seja o que for! (a Luz) Va' para o seu lu-
gar! (Luz sac) Naturalmente, o senhor ja
tem feito isto mais vezes!?

Arao
O menina. Palavra de honra que nun-
ca dei nada a Luz! E mesmo hoje foi
um lapso...

Magnifica
Nao me parece decente que o senhor su-
borne as creadas!

Arao
Eu nao "suburno". Quero dizer: eu nao
"suburno". Eu nao suburno, irra!

Magnifica
O seu procedimento e' baixo!

Arao
Mas fala baixo!

Magnifica
E' o que o senhor pretende, e' conspurcar
a minha dignidade de mulher e de do-
na de pensao!

Arao
Eu a "consporcar"? E' falso! E' falsis-
simo! Eu nao "consporco" coisissima

nenhuma! O seu procedimento, minha
senhora, é que é inqualificável, porque não
distingue o próximo ex-marido do actual hos-
pede, da mesma maneira que confunde
o efectivo hospede de hoje, com o ex-marido
de amanhã! Ora, que a senhora mate um
hospede à fome, compreende-se. Nem mes-
mo as pensões se fizeram para outra coisa
do que suicidar, lentamente, um hospede que
ainda é seu marido ou um marido que
ainda é seu hospede, é que não se compreen-
de! E, matando-me, a senhora comete o
peor, o mais nefando dos crimes: um "mar-
ricídio"!

Magnifica
Fale-me claro se quizer! Deixei-se de pala-
vras que eu não entendo!

Araraõ
Não entende, porque é inculta! "marrici-
dio" deriva do verbo marrar e emprega-se
no presente futuro do adjectivo
marido. *(à parte)* Buzunga! Lá também se
sabe. *(a Magnifica)* Percebeu agora?

Magnifica
Sabe que mais? Fale-se! Você só diz asnei-
ras, e já o estou a ver azul!...

Araraõ
Venha ver a preta, porque a fome é ne-
gra! De resto a senhora quando solicitou
a minha mão, comprometeu-se a dar-me
carne, mesa e roupa lavada. E o que tem
feito? Faltoni redondamente ao prometido!
(com amargura) E casei eu consigo, Magnifica!
E casei eu consigo, fazendo o sacrificio de a
aceitar... de a aceitar como se estivesse...

como se estivesse... quando e' certo que já não estava!!

Magnifica

Basta, sr. Aarão! Eu não o iludi. Confessei-lhe, francamente, que no meu passado havia um segredo, um misterio e uma nodoa.

Aarão

Uma nodoa, mas de que tamanho, santo Deus! uma nodoa que se alastrou por ai fora, até se transformar numa filha de carne e osso!

Magnifica

Não lhe admito que ponha a boca no osso de minha filha... (*num soluço*) da minha pobre filha que perdi! (*outro tom, furiosa*) E você que mais quere? Então eu dei-lhe trez anos de almoço, trez anos de jantar e trez anos de ceia; e chichi-lhe a barriga, e o senhor ainda se queixa! Fez-me, porventura, o senhor o mesmo?

Aarão

chinha senhora, eu não costumo fazer aquilo que já está feito! (*modificando a atitude*: *Quasi suplicante*) Mas, ainda estamos a tempo, Magnifica! O meu amor é ainda uma criança, e o divorcio...

Magnifica

(*interrompendo-o*) Senhor! Lembre-se que o prazo expira hoje.

Aarão

O prazo... e a pensão. Nem me fale nisso! Perder assim o penso!

Magnifica

O senhor não tem a cabeça no seu lugar!

Arao

Pois é por isso mesmo! Quem não tem cabeça, não paga nada. Como queres que eu pague a pensão? *(vendo-a indiferente)* E deu-lhe eu a minha paciência, o meu amor, a minha personalidade, o meu nome?!

Magnifica

Já cá saltava essa! O seu nome! O seu nome! E de que me serve o seu nome?
"Arao Lavaredra" só se foi para me fazer sono. Porque o seu nome não é nome... é um bocejo. *(Pronuncia bocejando)* Ora veja: "A... arao... lá... avedra". *(as gargalhadas)* Ah! Ah! Ah!

Arao

(formalizado) Pia! Pia alarvemente, cínicamente, inquestionavelmente! Pia, mas lembre-se que Deus não dorme. Amanhã, primeiro domingo de Fevereiro, está livre, bem sei. Está livre, mas o olho da Providencia vela por mim!

Magnifica

Ora! O olho da Providencia está fechado aos domingos!

Arao

Pi, imbecil! "Pide, pagliacci! Pi, crocodila!"

Magnifica

Hipopotamo!

Scena VIII

Os mesmos, Teodolito e Carmo, depois Amancio Carmo

Já sei que estão a combinar um passeio ao Jardim Zoológico, não é verdade?

Ararã

Alvez, sr. D. Carmo (dirige-se até ao gramofone)

Magnífica

Deem licença. (vai para a cozinha)

Carmo

(a Teodolito) Uma scena de familia...

Teodolito

(a Carmo) É verdade, é, agora, se me permite...

Carmo

Vá, meu caro Teodolito. É, quando voltar, á's sete, porque não o dispenso de me fazer companhia ao jantar, inicie as suas investigações.

Teodolito

Vou dar principio a elas, menina, nem eu acompanhei V. Ex. do Rio, para outra coisa...

Carmo

Cherchez la femme.

Teodolito

Vou "cherchar" hoje mesmo, juro-lhe. (a Ararã) Meu caro sr. Ararã!

Ararã

(que tem estado a preparar o gramofone para ouvir um disco) Á's suas ordens, sr. Primo do lito!

Scena IX

Ararã e Carmo

Carmo

(rectificando) Primo, não, Tio. Teodolito.

Ararã

Sempre ha sobrinhos com nomes muito reinradios! (um tempo)

Carmo

O que vai moer?

Moer!

Arião

Carino

O que vai tocar?

Arião

Se quer que lhe diga, nem sei. Peguei num disco, ao acaso... (lendo no disco) "Trigoletto. La donna è mobile. Tenor Bonci" gosta?

Carino

Gosto. É o senhor? (O disco principia a ouvir-se)

Arião

Muito. Especialmente de opera. Também, não, admira: eu já fui operado, uma vez... É de família. Desde pequeno que eu...

Carino

(interrompendo-o) É curioso! O senhor já foi pequeno?

Arião

Já, sim, minha senhora. É em pequeno, por acaso, não era deste tamanho...

Carino

Felizmente para a ama que o criou.

Arião

Eu nunca tive ama! (com um suspiro) Eu nunca fui amado!

Carino

(com coquetismo) É a vida é o amor!

Arião

Já muito bem o disse o Júlio: "Pode-se lá viver sem ter amado alguém!"

Carino

Ah! Conhece a "Ceia dos Cardeais?"

Arião

Pelo amor de Deus não me fale em ceia. Lembra-se de que ainda não almocei!

Mas você não é casado?

Carmo

Sou solteiro, amanhã.

Aaráo

Divorciado.

Carmo

Já consta isso no Brasil?

Aaráo

O senhor disse-o ao meu procurador

Carmo

Tem razão. Eu disse-o ao Pai do lito

Aaráo

Pai, não. Tio.

Carmo

Isso, Tio

Aaráo

(depois de um instante de silencio) Lontudo, como se divorciam de comum acordo, o senhor recuperara a liberdade de agir.

Carmo

Pois sim, mas perco a liberdade de comer!

Aaráo

Tem razão. Viver só, é uma estopada. Uma esposa faz sempre muita falta!

Carmo

Especialmente quando essa esposa é dona de uma pensão.

Aaráo

Seja como for, uma mulher é uma coisa muito comoda.

Carmo

Comoda ou guarda-fato. Já lá o dizia o outro. V. q. não ouviu?

Aaráo

Larmo
O meu procurador?

Aará
Não. O Bonci, ali no gramofone. "A dona é um movel, com a pluma ao vento." (*pausa*) É o que a minha, que também é dona, vai fazer agora: dar ar à pluma!...

Larmo
Isso é um paradoxo.

Aará
Não, minha senhora. Acho que é italiano. (*outro tom*) V.ª é viúva ou divorciada?

Larmo
Nem uma coisa nem outra. Sou completamente livre.

Aará
Ah! É casada.

Larmo
Não. Sou solteira.

Aará
Há muito tempo?

Larmo
Desde que nasci.

Aará
Isso deve ser muito incomodativo para uma pessoa tão bem alimentada como V.ª! É... nunca amou?

Larmo
Já. Já amei, um dia.

Aará
Foi um dia? É pouco, minha senhora! Com Portugal?

Larmo
No Brasil, donde acabo de chegar.

Arao

Amou no Rio. Foi um amor aquatico.

Larmo

Nao, no Rio, nao. Em Pelotas. Mas ele mor-
reu de repente e... la' o deixei enterrado...

Arao

Em Pelotas?

Larmo

Em Pelotas! Eu e dor a minha, imagine!

Arao

Resigne-se, minha senhora. Olhe que eu
e' casto! *(com outro suspiro)* A tudo a gente se
habituava... excepto...

Larmo

a perder a esposa que Deus nos deu.

Arao

Excepto a perder a pensao que ela nos
da. Ir para o meio da rua! Nao saber on-
de cair morto, por nao ter onde cair vi-
vo! *(um tempo; outro tom)* Vai mais outro disco?

Larmo

Agradecida, mas prefiro o Juano *(abrindo
o Juano)* ja' lhe faltam tres teclas. Parece des-
dentado...

Arao

Talvez comesse alguma costeleta ca' da casa...

Larmo

Nao toca?

Arao

Eu, nao. E a senhora?

Larmo

Toco violino. Sabe o que e'?

Arao

Perfeitamente. E uma especie de rabeca
em fronto pequeno.

Larmo

Isso mesmo. (pausa) Verdade, verdade, o divórcio é uma coisa detestável. Com ele, quem aproveita? O homem. Pode tornar a arranjar uma rapariga solteira...

Arão

Olhe, Larmo. Na minha opinião, é comercialmente falando, o divórcio é uma dissolução de sociedade, em que o marido retira a quota com que entrou, e a esposa...

Larmo

É a esposa?

Arão

É a esposa fica com a mercadoria para a tornar a vender.

Larmo

(as gargalhadas) A definição é curiosa! Mas o peor é a depreciação do artigo!

Arão

(rindo também) Ora! A falta dele no mercado valorisa-o!

Larmo

Finalmente que o vejo rir! Tristezas não pagam dividas!

Arão

Dividas? Ai! É coisa que não uso!

Larmo

Porque tem juizo.

Arão

Não uso, porque não tenho credito. (num de sabajo) Se a benhora soubesse todo o martirio destes tres annos de casado! Se a senhora soubesse. Porque, aqui onde me vê, eu sou um homem de educação, um homem que nasceu para a amar - mas para amar

com comodidades está claro! É o que é o amor senão a paz, o chá em família com as respectivas bebidas? É o que é o amor senão a cama, a mesa e a roupa lavada? Mas a chagnifica, para mim, ai!...

Carro

Não tinha carinhos?

Carro

Tinha, e bem carinhos me saíram esses carinhos! A minha vida era um inferno! Se eu saía, gritava; se ficava em casa que pelava-se. Se eu ria era parvo; se chorava, era imbecil. Comendo pouco, era lambisgoia; comendo muito, era animal. E! depois, cheia de caprichos, de infantilidades, de crendices! Se a senhora visse, uma vez o dueto que nós faziamos, a rezar o "terço", no quarto, nunca quinta-feira...

Carro

Se lhe falta a sexta, o sábado e o domingo para ser a semana completa!

Carro

Obriçava-me, hebdomadariamente, a dormir de bruços, para ressonar mais devagar!

Carro

loitado!

Carro

Se me faltou isso. O mais, foi tudo! E as lagrimas que eu chorava, no remanso do meu quarto, às ocultas dos hospedes, que se riem da minha infelicidade! Ai! Quanta vez tive vontade de morrer, quanta vez! Mas, em vez de falecer de repente, engordava aos bocadinhos. Que quere?

Esta obesidade é hereditária. Na minha
família até os magros são gordos. To-
dia dar cabo de mim, é certo; mas as
minhas ideias proibiam-me esse ges-
to. O suicídio para mim, é um assassi-
nato póstumo. Não acha?

Carmo
O senhor é filósofo, já vejo.

Arão
Sou, sim, minha senhora. É essa a única
profissão dos que não têm nada que fazer...

Scena I

*Os mesmos e Amancio, depois Magnifica, em segui-
da Teodolito*

Amancio
Luz! O Luz! (vendo Carmo) Ah! Perdão!

Arão (apresentando)
A Sr.^a D. Carmo, recém-chegada do Brazil. O Sr.
major Amancio.

Amancio
Carmo? Ah! Então já tive a honra de fazer
serviço no quartel de V. Ex.^a

Carmo
O Sr. não é parente de um Amancio estabe-
lecido com drogas no Rio de Janeiro?

Amancio
Não, minha Sr.^a Eu descendo de Guilherme Pell.

Arão
Bem sei. Guilherme Pell. O fundador do café
Suisso.

Amancio
Do café Suisso, não... Da Suíça.

Carmo
Perfeitamente.

Amancio
É por isso que eu sou Amancio Pimentel. O Luiz!

Magnífica (entrando)
Quere alguma coisa, maior? *(entra Teodolito)*
Larmo

Já de volta? *(Aparado, durante este dialogo, entretém-se a limpar a campânula do fonografo)*
Teodolito

Não ha quartos em parte alguma. Disse-mo lá em baixo, um comensal desta pensão, que estava a palestrar com a creada. Um tal Hipolito, que, por sinal, me submeteu a um apertadissimo interrogatorio acerca de D. Luíza. Ora! Até parecia profecia, o diabo do homem!

Larmo
Mas, onde ha-de você pernoitar, então?

Amancio
Atualmente, os forasteiros em Lisboa, são obrigados a pernoitar de dia, por falta de quartos!

Magnífica (a Teodolito)
Quere deitar-se cedo?
Larmo

Não, o Teodolito vai a acompanhar-me hoje ao teatro.

Teodolito
Onde ordenar.

Magnífica
Então vá descansado, que, na volta, já terá quarto.

Aparado (desconfiado)
Hein?

Magnífica (olhando, intencionalmente, para Aparado)
Terá o n.º 4.

04? Mas o 4 é meu!

Araró (deixa cair a campânula)

Até à meia noite!

Magnífica (gelada)

E a hr.^a tem coragem para me pôr na rua a horas mortas?

Araró

Horas mortas?... As horas nunca falecem, sr. Araró Saavedra!

Magnífica

Contudo, parece-me desnecessário que...

Larmo (a Magnífica)

Desalojar alguém por minha causa, acho que...

Teodolito

Aquele hr. não é "alguém". (com firmeza) O n.º 4 é seu! (passando por Araró) A meia noite, rua; ouvir? (saída falsa) E, se quiser, vá à cozinha. Ficou lá peixe para si. (sae)

Magnífica

A meia noite, rua! (a Larmo) Ouvir? Isto não é mulher; é a Potunda em dia de revolução! (entra Tom) E agora, vamos ao peixinho! (entra na cozinha)

Araró (desolado)

Larmo

As suas ordens, minha hr.^a

Teodolito (a Magnífica)

Larmo

Quanda quem pôde

Teodolito

E o gordo?

Larmo

Você não percebeu ainda que a Potunda fala pela boca da D. Magnífica? Vá para o n.º 4, Teodolito.

Teodolito

Por poucos dias o utilizarei, afinal. V. h. bem sabe que, por causa do telegrama que recebi do

Pio, terei de embarcar no primeiro vapor.

Carmo

Sem tratar de nada, visto isso.

Teodolito

É um caso urgente, bem sabe. Minha mulher, que pedrou... contudo, tranquilise-se v. h. Deixar-lhe-pei a substituir-me, pessoa de confiança, absolutamente idonea e capaz de tratar da sua fortuna, dos seus papéis...

Carmo

É do resto?

Teodolito

É do resto, sim, minha m. É, agora, posso ir buscar a minha mala?

Carmo

É melhor. Vá, Teodolito. (Saí D. A.; Teodolito vai a sair pelo F. C. e esbarra com Hipólito, que vem a entrar)

Teodolito e Hipólito

Ah! Perdão!

Acto XI

Hipólito e Amancio

Hipólito (aparte)

Julgo que não perdi o meu tempo. Dizem que tenho a mania de policia amador. Os meus colegas do ministerio chamam-me, até, o Sherlock. Pois sim. Mas o caso é que eu tenho dedo para descobertas. (esfregando as mãos) Optimo! É descoberta a coisa, apanho a casa á D. Magnifica!

Amancio (que durante o final da scena

1.º tem estado á janela, hoje parece contente. Aposto que foi nomeado revolucionario civil!

Hipólito

Não. Isto é cá uma coisa! (outro tom) Vm-a?

Quem?

Amancio

A mulher. Aquela que acaba de sair daqui.

Hipólito

Mulher? Aquela mulherão!

Amancio

Aquela peixe!

Hipólito

Aquela peixão! É, a propósito: a sua francezinha.

Amancio

Venha cá, que eu conto-lhe. Foi uma dos diabos! Você sabe lá o que se passou!

Hipólito

Sim. Conte lá, homem!

Amancio

Hipólito, travando-lhe do braço e arrastando-o para o seu quarto. *(Confidencial)* Imagine você que, apesar de andar um ano atrás de lá, chegada a ocasião, acho que foi nervoso...

Amancio *(interrompendo-o, vindo)*. Essa é uma dos diabos! Já dumavez me aconteceu a mesma coisa. Encontrei uma loirinha... *(entra no quarto de Hipólito)*

Acto XII

Acto depois Teodolito

Teodolito, vindo da cozinha ainda a pulitar os dentes, deixa-se cair na cadeira de baloiço. Ora bolas! Uma postinha de peixe, que até parecia uma pilula! Eu bem pedi à Suz que me desse uma posta maior, mas a rapariga poz-se a gemer "que não havia mais que comesse aquela, que era a unica que restava..." E vai eu, cheio de fome, lá comi a posta restante... *(Um tempo, o relógio dá 4 horas)* Já? Só faltam oito horas. Não se ro, nada. Nada, a não ser o olho da rua. *(Principia*

a ouvir-se o violino de larmo. Entra Teodolito, com 2 malas)
Teodolito

Dorme amigo?

Arao

Dormir? Eu? Não, penso. Eu nunca mais durmo, porque nunca mais tenho onde dormir!

Teodolito

Pobre rapaz!

Arao

E' ela que toca?

Teodolito

Ela? Ah! A D. larmo? Deve ser. E'...

Arao

E' com certeza. Diz-mo o coração. (um tempo) E' rica?

Teodolito

Milionaria. Que som de violino. hein?

Arao

Milionaria? E' verdade! "Que lindo som, terron-ton-ton"! E tem noivo?

Teodolito

Nem noivo, nem familia? E' verdade! Que rico som e que opulentissima expressao!

Arao

Rica, solteira e sem familia? E' verdade! Que rico som e que opulentissima expressao!!

Teodolito (entusiasmado)

E, depois, a arcada. Fize bem a arcada: extensa, cheia, igual, aveludada...

Arao

E' verdade! A arcada!

Teodolito

A arcada e' um mimo! Uma maravilha! Que me diz voce daquela arcada?

Aarão

O que lhe digo? O que lhe digo? Digo-lhe que
"debaixo daquela arcada passava-se a noite bem!"

Pano rápido

Acto segundo

A mesma scena do 1.º acto, completamente às escuras.
Aarão dorme na cadeira de baloiço, com uma velha mala
aos pés, dois embrulhos ao lado e um capote abentejano
tapando-lhe as pernas. Sofe. pano. Uns instantes de si-
lencio. Depois, o relógio bate 2 horas. Daí a pouco, vozes,
fora. Abre-se a porta ao fundo do corredor F. C. - e, illumi-
nados pelo javis do guarda noturno, Carmo e Teodolito
entram.

Scena I

Aarão, Teodolito, Carmo e Guarda-noturno.

Guarda

Ora estão v. v. chegados. E andaram com sorte,
porque se esfura para esta noite.

Teodolito

O quê? Outra revolução?

Guarda

Outra, não. Acho que é sempre a mesma. (Teodolito
dá-lhe diálogos) Muito agradecido a v. v. Guarda
n.º 1033. (vai, fechando a porta do F. C.)

Carmo

Bff! lento e quatro degraus!

Teodolito (deixando-se cair nu-

ma cadeira) É de arrazar!

Carmo

Isto que horas serão?

Teodolito

Muitas, menina Carmo. Primeiro, Coliseu; de-
pois do Coliseu, chá; depois do chá, ainda estar
a ver desfilar tropas para a tal revolução...

(breve) a tal revolução que ficou adiada de
ontem para hoje... *Larmo*

E que, certamente, fica adiada para amanhã,
por falta de publico...

Teodolito
V. h. fez sensação. No Coliseu, os homens estavam
todos com os olhos espetados em V. h....

Larmo
Pois a verdade é que me espetaram sem eu
sentir. A sensação do desconhecido.

Teodolito
A atracção do abismo, *(labiceia, com rono)*
Larmo

Olhe se cai!

Teodolito (sobressaltado)
Ao abismo?
Larmo

Não, da cadeira abaixo. Já deitar-se *Teodolito*.
Já, e pense no seu substituto.

Teodolito
Vou deitar-me, sim minha senhora. *(saída
falsa. Retrocede ao ouvir (barão ressonar))* Como?
Larmo

O quê?

Teodolito
V. h. disse alguma coisa?
Larmo

Eu, não. Você é que ressonou.

Teodolito
Com pé? Oh! *(novo ronco, desta vez formidavel de barão)*
Que é isto?

Larmo (pontando para barão)
Isto, é aquilo. Um homem.

Teodolito

Não é um homem, é uma multidão, porque é
Laavedra.

Larmo

A dormir numa cadeira, a estas horas?

Teodolito

É com a bagagem aos pés. A culpa foi nossa,
desalojando-lo do 4.

Larmo

Ele pediu a demissão de marido, e a esposa
demitiu-o de hospede. Não são permitidas as
acumulações.

Teodolito

Foi nem me lembrava disso! Pobre rapaz! Sem
quarto, sem mulher e sem emprego!

Larmo

Desempregado?

Teodolito

É verdade. Aquilo tudo sem ter que fazer. É uma
fabrica parada. (Ararã ressona mais forte)

Larmo

Parada, não. Você não a ouve apitar?

Teodolito

Trespassou o estabelecimento, trespassou a mulher.

Larmo

Mas isso é uma tragedia de trespassar!... Já dei-
tar-se Teodolito, que eu vou fazer o mesmo.

Teodolito

Um seu criado, e até logo. (entra no n.º 4)

Cena II

Ararã e Larmo

Ararã (despertando)

Levem anda aí? És tu, magnifica?

Larmo

Sou eu.

Arão
 Ah! cá D. Carmo. A que devo o prazer da sua visita, a estas horas no meu quarto?

do seu quarto?

Arão
 Então a senhora não vê que este é o meu ultimo quarto... de sentinela? Foi despedido...

Carmo
 Acordei-o talvez no melhor do seu sono, ou do seu sonho.

Arão
 Efectivamente, sonhei muito! Primeiro com o Tobias, que foi meu empregado. Dormia e sonhava. Dormir! Sonhar, talvez! Tobias ou não Tobias, eis a questão! (*espivra*)

Carmo
 Bravo! O senhor está shakesperiano!

Arão
 Estou mas é constipado! Depois principiei a sonhar que estava acordado. Acordado e dentro de um salão riquissimo, com cristais nas paredes, cristais no tecto, cristais nas portas, cristais no chão... Enfim, um salão completamente cristalizado! Nesse salão, entre um vaso etrusco e um piano de cauda, erguia-se uma mulher, tambem de cauda, cuja mulher era minha mulher!

Carmo
 A D. Magnifica?

Arão
 Outra, ainda mais magnifica: V. Ex.^a A senhora pertencia-me e eu pertencia-lhe. Pertencia-lhe o meu coração, e pertencia-me o seu habito de fogo. A sua mãe era minha, e mais pertences.

E o pertences! Carmo (as gargalhadas)

Aaráo

E vai nisto, olhei para as minhas botas e acordei. Era um sonho. Mas, ao fitar estas botas cambadas, quasi sem tacões, quasi sem solas, quasi sem ganchos, quasi sem elásticos e quasi sem canos, percebi, finalmente, que tudo aquilo não era um sonho, mas um pesadelo!

Carmo

Mãe lhe tinha olhado ainda para os pés.

Aaráo

Tem olhe, minha senhora. Isto não são botas com que um homem sonhe que vai casar com uma senhora como a senhora! (nesta altura a porta do quarto de Teodolito abre-se e vê-se o braço do procurador colocar as botas fora, para engraiçar.)

Carmo

Lautela com a D. Magnifica, meu caro Aaráo! Porque as suas ^{palavras} são uma declaração em forma...

Aaráo

Não, Carmo. Isto não é uma declaração em forma; é um par de botas deformadas! (um tempo) Deve ser tarde, já...

Carmo

Tardíssimo... fomos ao Coliseu... Já viu as bailarinas belgas?

Aaráo

Já. Já vi, mas não gostei. É um numero incompleto. Na minha opinião, as bailarinas deviam dançar de pernas para o ar.

Carmo

Oh!

Aaráo

Tram-se-lhe melhor os movimentos pedestres.

Carmo

Ah!

Ararás

Pedestres ou vegetais, porque se trata da planta... dos pés... Não sei se me faço compreender...

Carmo

Perfeitamente. E agora vou-me deitar. Não é bonito estar, a esta hora insolita, no quarto de um cavalheiro... que nos ama em sonhos. Durma bem.

Ararás

Foi mas é pior-me a andar.

Carmo

Cautela! Olhe que andam tropas na rua!

Ararás

Outra revolução? São coisas da minha mulher, não há que ver. Bem. Ficarei aqui. *(insulta-se de novo na cadeira)* Boa noite, minha senhora.

Carmo

Boa noite, sr. SAVEDRA.

Ararás

Agora há-de ser difícil. V. h. levou-me o sono. *(Carmo vai a sair)* Muito lhe agradeceria se apagasse a luz! *(Carmo obedece e sai. A scena fica novamente te às escuras.)*

Acto III

Ararás, depois Hipólito, a seguir Luz

Hipólito *(ao F. C. Para o guarda noturno)* Obrigado. *(fecha a porta e abre a luz a sala)*

Foi uma noite de primeirissima! *(bocejando)* Isto não é sono. Deve ser fome. Fome e sede... de amor. Diabos levem a francesinha! E agora vamos lá ao sinal do costume. A Luz deve estar admirada. *(Junta)*

da porta da cozinha, imitando um galo) Cò-cò-rò-cò!

Um galo? Já será dia?
Araão (abrindo um olho)

Hipólito
Naturalmente está ferrada no sono... Vai o segundo
sinal. (imitando uma galinha) Cò-cò-cò-cò-cò-cò!

Araão
Chau! Não é galo. É galinha.

Hipólito
Cò-cò-cò-cò-cò!

Araão
É galinha a pôr ovo. Que estupidez! Se é coisa
que se põe a estas horas

Leuz (da cozinha)
Julguei que não vinha hoje.

Hipólito
Já cá um beijo e depara-te de scenas!

Araão
Já percebi. É galo e galinha! Que galinha, irra!

Leuz
Fale baixo. O sr. Araão está ali a dormir.

Hipólito
Aquela besta ainda não se foi?

Araão
Ahn?

Hipólito
É a última noite que ele nos empata. E prepara-
te para, mais dia menos dia, seres a dona disto...

Leuz
Disto?

Hipólito
Da pensão; pois de que ha-de ser? O que é meu é
teu, não é verdade?

Araão
Hein?

Hipólito

Ora ouve. Aquilo que está para ali a dormir,
e que até parece uma praça de touros à cunha,
gira para a rua.

Louç

Até ai vou eu.

Hipólito

E a D. Magnifica passa-nos a pensão e vai viver
com a filha

Ararã

O que diz ele?

Louç

Com a filha? Mas qual filha?

Hipólito

A que ela perdeu, estúpida!

Louç

Ainda não fui capaz de perceber isso. Uma crean-
ça, não se perde, como quem deixa ficar um
chapéu de chuva, por esquecimento, no debriço...

Hipólito

Perder, é uma maneira de dizer. Ela não a per-
deu; foi o pai quem lha levou.

Louç

O pai da senhora?

Hipólito

O pai da creança. Mas isto já lá vão vinte anos,
ou mais... ninguém sabia do caso, porque a
creança era filha duns amores clandestinos da
magnifica com um hospede...

Louç

Nesta pensão?

Hipólito

Na pensão dirigida pela mãe dela, ali para o Cordeiro...

Louç

Ah!

Hipólito

A miuda estava a criar numa ama. E vai, um dia, o pai agarrou na filha, pôz-se a andar, e até hoje não deu sinal de si.

Leuz

Tem piada! Até parece um folhetim que vem no "Seculo". Agora? Onde está a filha?

Hipólito

Ando a tratar disso. Já jurz a minha policia em campo, e ou eu me engano muito, ou... (outro tom)
mas isso é cá o meu segredo! E ficas, duma vez para sempre, livre desse estaferno da D. Magnificia.

Ararás

Força!

Hipólito

Dessa vibora!

Ararás

Mais força!

Hipólito

É desse animal que se chama Ararás

Ararás

Esso mais devagar!

Leuz

O Ararás é um bom homem!

Hipólito

Uma besta, é que ele é!

Ararás

Besta será ele! A dever trez meses de pensão, e ainda diz mal da casa!

Ararás Andá dai.

Hipólito (arrastando-a para o quarto)

Ararás. Hoje, não.

Leuz

Hipólito

Porque não? Já agora... Tem sido todas as noites...

Araró

Ai que tratante! É paga o mesmo que os outros hospede-
des?

Luz

Hoje, não. Já é tarde e o Samedra pôde acordar...

Hipólito (amucado)

Como quizeres. Boa noite.

Luz

Bom. Agora temos amuco...

Hipólito (entrando no seu quarto)

Até amanhã. (Luz desanda o comutador e sai D.O.)

Acto IV

Araró, só

É para isto que se tem uma casa de pensão!
(levanta-se e vai dar toda a luz à scena) Nas minhas
barbas e nas barbas de minha mulher! Eue,
afinal, é bem feito. Muito bem feito, mesmo.
A falta que eu vou fazer, sará Deus! (vê-se
o braço de Hipólito, pondo as botas com estrondo, fóra da
porta) Ora! Até as botas me parecem bombas!
São as botas de Hipólito. (Um tempo) As botas!
(P'ante pé, dirige-se à porta do quarto de Hipólito e pega
nas botas. Depois faz o mesmo ás de Teodolito.) Estas são
de Teodolito. (mesmo jazo, à porta dos quartos de Aman-
cio e de Lastanheira.) As do Amancio... e as de Las-
tanheira. (coloca-as todas em cima da mesa do jantar.)
Tanta bota! Esta mesa até parece um jardim botá-
nico! (fica contemplando as botas e de subito, com uma pil-
mada na testa.) É porque não? A questão é que
me sirvam. (procurando, entre todas, um par que
lhe sirva.) Estas, não. Também não. Ah! devem
servir estas. São as do Amancio. E, de resto, o
reumatismo nunca o deixa sair... (depois de colo-
car o calçado à porta dos quartos, ao acaso descalça
as botas e enfia as de Amancio.) Uma luva. Nem

de encomenda! (Um tempo. Em seguida para as bo-
lazinhas que vae abandonar para sempre.) Ha tres
longos anos que sois as fideis e inseparaveis
companheiras dos meus pobres pés que a des-
graca põe hoje no olho da rua. Justo é, por-
tanto, que descançeis! Par de botas que eu mui-
to amei. Adeus! Entraste nesta casa quando eu
entrei tambem, de chapéu alto e cabisbaixo, pelo
conovido braço da D. Magnifica. Tras, então, um
lindo casal de pompas de verniz, solenes, esguias,
bem alimentadas, absolutamente chicis, tranquila-
mente impermeaveis, completamente boche-calf.
O tic-tac dos vossos tacões, o velho par de botas
incompreendido! enchia a minha alma de sol e a
visinha de bique de ataques histéricos e hebdoma-
dários! Na hora desgrentada do "enfim, sos!" e
distantes já dos meus pés, ebrios de fraqueza e de
olho de perdiz, o pudor soube fechar a vossa
pupila boquiaberta... Depois, os dias passaram,
monotonos, indifferentes, cruéis. E ao primeiro
arrufo com a Magnifica, quando ela me cha-
mou "imbecil", um movimento carinhoso de
solidariedade rebentou-vos as pupaladeiras! Mais
tarde, quando ela requereu o divorcio, estataram
as gaspeas e romperam-se as meias-solas. E ho-
je, que tudo acabou para mim, com a ultima
ulsação que se vai, vai-se tambem, o ultimo
tacão! (despedindo-se delas, quasi num beijo) O velho
par de botas, que é todo o meu passado, adeus!
Das vos levo comigo, porque a vossa saude é pou-
ca, e eu não tenho dinheiro para remedios... nem
para remendos! (colocando-as, cuidadamente a por-
ta do quarto de Amencio) Meu bom Amencio: Com
elas, deixo-te dois pedacos da minha alma. Estima-
as, pois, como se fossem filhas dos teus proprios

pis! (empurga uma lagrima. Um tempo. Depois, des-
 farçando a comoção.) E agora, já não ha maneira de
 pregar olho! (vae á janela) Escuro como breu! (Joga
 no gramofone, coloca-o em cima da mesa de jantar.) Devem
 ser já quatro horas. (dá corda, mete a agulha e procura
 um disco.) Lá está Maria Victoria. (Põe o gramofone a
 funcionar.) A triste canção do Sul! (acompanhando,
 meia voz.) O' maravilha das maravilhas! Ah! pare-
 ce uma voz de carne e osso!...

Scene V

Aarão e Magnifica

Magnifica (no limiar da porta
 da D. A.) chas o que vem a ser isto aqui?

Aarão (impudavelmente)

Isto?

Magnifica

O senhor está doente? (Corre a travar o gramofone) Uma
 sessão de gramofone pis 4 horas da madrugada!?

Aarão (supplicante)

Magnifica, tem dó de mim! Depois do teu gesto
 inoporavel, só dois caminhos me restam: o gramo-
 fone ou a morte!

Magnifica

Deixemo-nos de conversas. Porque é que o senhor
 espera, para se pôr a andar?

Aarão

Magnifica: O teu mandado de despejo é um cri-
 me. Lá fora, a revolução é um facto feito e por
 medidas. Os civis conspiram pelas ruas, e as
 tropas dirigem os seus vacilantes passos para a
 Botunda. Se saio daqui desarmado até aos dentes,
 sou um homem liquidado. Morrer de fome ou mor-
 rer de revolução, eis o dilema!

Magnifica

Revolução outra vez? Sabe que mais? Lérias!

Arao
Sérias, não. Esse adjectivo esconde uma dúvida.
Da 5 minutos, por debaixo daquela janela, passou
um regimento em pé.

Em pé?

Magnifica
Arao
Sim. Em pé... de guerra, com metralhadoras, dois
hidro-aviões e toro de cornetas, ao som da Boru-
guesa.

Magnifica
Pode lá ser! Tu não ouvi nada!

Arao
Não ouviste porque a banda ia a tocar de baionete
calada.

Magnifica
Embora! Isso não é razão para acordar os hóspedes
com os gatinhos da paria...

Arao (interrompendo-a)
Vitória, filha, vitória!

Magnifica
E de resto, se o matarem, a culpa não é minha.
Isso é lá com as tropas, não estou para o aturar.
Pez após chegaram. Portanto, pegue na bagagem,
e olho da rua!

Arao (suplicante)
Magnifica!

Magnifica (incorporavel)
Já disse. Olho da rua!

*Arao (com movimento de recul-
ta e enchendo-se de coragem.)* Pois bem, seja! Olho da
rua por olho e dente por dente! *(Instalando-se
numa cadeira.)* Não sairei daqui!

Magnifica
O que diz?

Arao

Digo-lhe que não sairei daqui! Sou a hora das reivindicações!

Magnifica

O senhor verá se sai ou não sai!

Arao

E a senhora verá se fico ou não fico!

Magnifica

Arao, Arao, que já me falta a paciência! *(murruce, na sua exploração de um petardo)* Ah, Jesus!

Arao

La' fora, os revolucionarios civis que protestam
la' dentro, um hospede incivil que reclama!
La' dentro, e la' fora, o estandarte negro da re-
volta! E o fadinho da Maria Vitoria sera', hoje,
a larmagnole dum marido que atira como go-
verno a terra! *(põe o gramofone a funcionar, e de-
pois em altos berros)* Viva a liberdade!

Scena VI

Os mesmos, Hipolito, Arnancio, Rodolito, Castanheira
e Luiz, depois Carmo

Hipolito

O que ha?

Arnancio

É fogo?

Luiz

A senhora está doente?

Rodolito

Rebentou alguma bomba cá em casa?

Castanheira

Que pouca vergonha é esta? Isto não pôde ser! Protes-
to energicamente contra esta forma insolita de acor-
dar os hospedes, que não dormem nunca! *(Carmo
aparece, tambem inquieto, a D. A.)*

Magnifica

É este senhor que...

Hipólito

Pois quem havia de ser penas este senhor!?

Dará

Sou eu, e entã? Este barulho, estes gritos, esta zara-gata, esta revolução, este gramofone - "ego sum"!

Amancio

Até fala inglês. Está doído!

Castanheira

Eu vou mas é mudar de pensã!

Amancio

É duques!

Hipólito

Já vi tudo. Gusta-lhe a abandonar a pápa.

Dará

Sou eu, sim. Mas sou eu que me vou desta casa para sempre. Para sempre ouviram bem? Para sempre, ouviram todos?

Amancio

Demonio! Para isso não pra precisa tanta zaragata!

Dará

Antes, porém, de abandonar esta casa, onde ficam os trez peores anos da minha existencia, todas as minhas esperanças no amor, todas as minhas ilusões no lar e todos os meus dentes nos bifes, deixem-me ser homem ao menos uma vez na vida. *(estofeleando dignifica)* Toma!

Hipólito (mullendo-se de permicio)

Senhor! Eu não posso admitir que...

Dará (estofeleando-a tambem)

Tome!

Luz

Sr. Dará!

Dará (dando-lhe tambem uma bofe-tada) É toma tu, tambem! *(depois, em posição de bofe,*

para os outros) E se alguém mais quere !?... (todos os hóspedes, à exceção de Carmo e Teodolito, fugam nos botes e fecham-se nos quartos respectivos. Saem com as mãos na cabeça, foge para a cozinha) Não querem mais? (agarrando na mala e em todos os volumes que lhe pertencem) Então, adeusinho! (sae pelo F. C., e atirando com a porta).

Magnifica

E agora ainda é capaz de esbofetear o guarda noturno!

Carmo

Como está com a mão na massa... talvez, minha senhora...

Magnifica (punitiva)

E foi preciso divorciar-se para mostrar que era um homem! (sae F. D.)

Scena VII

Carmo e Teodolito, depois Hipolito e Castanheira, em seguida Amancio

Teodolito (a Carmo)

E aí tem, minha senhora, o homem que V. he precisa para me substituir!

Carmo

Parece-lhe?

Teodolito

Honesto, excelente creatura, esplendidamente de empregado...

Carmo

E curioso! Estava agora mesmo a pensar nisso!

Castanheira (saindo do quarto, furioso, com as botas na mão)

Então que brincadeira é esta? Procuraram-me as botas?! Isto é uma Babilonia, e eu raspo-me daqui para fóra!

Hipolito (saindo, tambem, do seu quarto e igualmente com um par de botas na mão.)

Pravos

partam o diabo! As minhas botas não são estas!
Serão estas?

Castanheira

Deixe lá ver... Está claro que são estas!

Hipólito

Castanheira

Mas então onde estão as minhas? (encontrando o par que ainda se conserva à porta do quarto deste) Estão aqui? Ora graças!

Teodolito

Perdas. Essas pertencem-me...

Hipólito

Talvez não. Talvez sejam estas!

Teodolito

É verdade. São estas! Mas que confusão de pés!

Hipólito

Isso foram coisas do Saavedra. Do estúpido do Saavedra.

Castanheira

Do animal do Saavedra.

Hipólito

Do quadrupede do Saavedra. (guardam nos seus quartos)

Teodolito

Estúpido, animal e quadrupede. Já vê que o Saavedra é o homem que lhe convém. Pacífico, inteligente, são... É o que temos a fazer é sair daqui no mais curto espaço de tempo. Isto é uma casa insuportável!

Carro

Tem razão, meu amigo. Procuraremos um hotel. Logo que lhe seja possível, peça a conta a D. Magnifica. Já nem cá quero almoçar... É o Saavedra?

Teodolito

O Saavedra voltará. Para onde ha-de ir ele a estas horas?

(Amancio, do quarto, e com as botas de Haras na mão.)

Est' agora! Mas estes alcatruzes

não são meus! (Araão entra do P. L.)

Teodolito

Eu não lhe dizia? Ai vem o Araão.

Amancio

Araão! (mete-se rapidamente no quarto.)

Scena VIII

Larmo, Teodolito e Araão

Araão (com o fado em desalinho, a mala aberta, o chapéu amolgado e os embulhos rotos)
 Bagui está uma vitima dos excessos de patriotismo! (deixando-se cair numa cadeira) Escapei por uma unha negra!

Teodolito

O que lhe aconteceu?

Larmo

Foi atropelado?

Teodolito

Foi preso?

Araão

Fui bombardeado! Quando os revolucionarios me viram na rua, não estiveram com meias medidas: fizeram-me um cerco em regra, lançaram-me escadas e tomaram-me de assalto. Eu fulgava-me inespugnável, mas, afinal, rendo-me pela fome. Tivei de ser eu, e passei a ser Protunda! O chapéu caiu, e quando, varado por dois tiros de Kropatchek; os embulhos morderam o pé com quatro de justola, e a mala - esta mala histórica mas inofensiva - soltou o ultimo vagido e nunca mais se levantou. (apontando para a roupa que sae da mala) Um estilhaço de granada furára-lhe os intestinos! (um tempo) Então, corajosamente, resolvi fugir. Mas para onde, se esta casa era maldita para mim? Debaixo de um terrifico "foq-trot" de balas, desemboguei no largo de Larmo e, de subito, uma bala

silva, passa-me por aqui... e lá'ia eu ficando sem um olho!

Teodolito

Está claro! Quem o mandou ir para o largo de Lameões?

Larmo

Mas não está ferido?

Arão

Não, Larmo. Euc eu saiba, não. As balas furaram-me a roupa, mas respeitaram a minha desgraça. E juro-lhes que, se não fossem as bombas, eu nunca voltaria a pôr aqui os pés!

Larmo

Também bombas?

Arão

Imensas bombas, minha senhora, e de todos os tamanhos e convicções: cilíndricas, ovais, triangulares, em arco abatido... quatro, contei eu, estalaram junto de mim. Pum! pum! pum! e pum! Quatro autênticos puros! E lembrar-se a gente de que aqueles benemeritos andam-se a matar todos, para todos viverem felizes!

Teodolito

E não perdeu o sangue frio?

Larmo

E não tremeu?

Teodolito

E não se assustou?

Arão

Não perdi nada, nem me assustei, nem tremi. Quando uma bala silva, lembro-me de outros silvas que eu conheço, e nada mais.

Larmo (troicista)

Bravo! É um heroe! Percebe-se bem, pela limpidez da sua voz, que as bombas, em vez de lhe fazerem perder a fala, lhe deram mais clareza!

Ararã

Fizeram-me até muito bem à garganta. Também não admira: eram de chorato de Polassa!...

Larmo

Contudo, por uma questão de prudência, é claro, resolveu regressar ao quartel general...

Teodolito

Em acelerado, dando sêbo nas botas...

Ararã

As botas? (olhando para os pés) As botas do Amancio! As botas dum major! Era lógico, portanto, que eu fosse, com elas, fi'z'o major! (ouve-se a voz de Magnifica) minha mulher! Eu não lhe queria bater outra vez!

Teodolito

Vá para o meu quarto... (Ararã, atropalhado, não sabe o que ha-de fazer) Ande, avie-se!

Ararã

Bem aviado estou eu! (entra, com a mala e ombreiros, para o quarto de Teodolito)

Scena IX

Larmo, Teodolito, Magnifica, depois Castanheira e Amancio

Magnifica

Jesus!... Que alvoroço vai nesta casa! Lá fora a revolução já socega, e aqui ninguém dorme! O. q. desculpem. Isto não é costume. A minha pensão foi sempre um paraíso, muito tranqui-la, muito pacata, como em família...

Larmo

Realmente, nós estamos muito contentes com a sua casa, minha senhora,

Teodolito

Muito, minha senhora.

Larmo

Pena é termos de ir embora...

Embora? Santo Deus! Mas quando?

Hoje mesmo. (me D. D.)

Hoje mesmo?

Logo que seja dia. E obsequia-nos tirando a
nossa conta, sim?

E tudo por causa do varão! Para que requeri eu
o divorcio, afinal?

Já se foi? (vendo Magnifica) Ecce homo! Fecha-te!
(fecha rapidamente a porta)

(vestido para sair) Esta pensão é excelente para quem
puder dormir acordado! Ah! estava aí, D. Magni-
fica? Então faça o favor de me tirar a conta.

A conta?

Porto hoje mesmo para o Norte.

Outro?

Mas isso depressa, enquanto eu vou arranjar as
malas! (entra no quarto)

E vão três. É uma delbandada. E tudo isto por
que eu requeri o divorcio!

O divorcio é a ruina do lar.

É das casas de pensão, como o senhor está a ver. E não fica por aqui!

Amancio (do quarto, também já vestido)
Tire-me a conta, senhora D. Magnifica!

Magnifica (a Teodolito)

Vê, como não ficou?

Amancio

Não fico, não. Isto não se pôde aturar! Uma casa onde até nos trocam as botas! Tire-me a conta, D. Magnifica, tire-me a conta

Magnifica

Até este! *(irritada)* De quem. Eu vou já tirar a conta a todos! *(saindo)* Já viram, uma destas? E fazer a escrita até à da manhã? *(sae E. C.)*

Teodolito (a Amancio)

O senhor também não pregou olho?

Amancio

Isso era o menos. O que se são as botas! *(mostrando os pés)* Olhe para isto! E as minhas, então, que mal tinham uma semana de uso!

Arão (apertando) Já posso?

(vendo Amancio) O homem das botas! *(fecha de novo a porta)*

Teodolito

Vra o Saavedra. *(indo ao quarto, bate à porta.)*

Arão (dentro)

Não está cá gente!

Teodolito

Pode vir amigo.

Arão (só com a cabeça de fora)

E' o vais!

Amancio (a Teodolito)

Ele ainda está com a mania das bofetadas?

Teodolito

A D. Magnifica não está. Tem agora um pé para sair.

Ararã
Não tenho um. Tenho dois. Dois e em cada pé,
uma bota

Teodolito
Deixe lá as botas e venha.

Amancio
Não caia nessa. Se as deixa, é um ar que lhes
dá. (*a Teodolito*) Com meu amigo faça-me um fa-
vor. Se às vezes encontrar algumas botas que
não tenham pés dentro, dê-lhe a mão, porque
são minhas! (*entra no quarto*)

Ararã, Teodolito e depois Carmo
Ararã (mesmo jogo de há pouco)
Está finalmente só?

Teodolito
Julgo que sim.

*Ararã (saindo do quarto, com a
mala e embrulhos.)* Graças a Deus! (*vai à janela es-
preitar para a rua*) Se eu tivesse a certeza de que aqui-
to lá fora já acabou... de que morreram todos...
ia-me embora, corajosamente.

Teodolito
Espere um instante. Temos todos.

Ararã
Todos?

Teodolito
Você não ouviu? A D. Carmo, o Castanheira, o Aman-
cio, este seu criado...

Ararã (radiante)
Mas, então, fica a casa às moscas!

Teodolito
Debandada geral. Com exceção do homem das pre-
guntas, tal Hipólito que você mimoseou com
uma bofetada. Esse ainda não tuguu nem mugiu.

Aaráo

Use não vai, porque tem a mania dos galinaceos, e enquanto lhe durar a habilidade de fazer de gallo e de galinha, fica com utiliza. Você não percebe? Já fora lhe explicarei. *(outro tom, com um suspiro)* O Castanheira, o Amancio e D. Carmo, toda a gente sabe para onde vai... Agora eu!... Desmoranou-se a minha torre de marfim. Adeus, cama, mesa e roupa lavada! Adeus, amor! *(pausa)* Você nunca amou?

Teodolito

Já. Já amei quando era solteiro. Amei uma Emilia. E vai um dia, a ingrata abandonou-me!

Aaráo

É dos livros.

Teodolito

Por felicidade, encontrei outra Emilia. Lasei com ela, e a amizade que a segunda me consagrou, fez-me esquecer a ingratidão da primeira.

Aaráo

Compreento. Com uma Emilia curou a dor de outra Emilia. Isso já é conhecido.

Teodolito

Já cá se sabia?

Aaráo

Toda a gente sabe: similia, similia curantur. A dor de Emilia, cura-se com pelo do mesmo cão. *(outro tom, vendo Carmo aparecer ao T.)* Ai vem a D. Carmo.

Carmo (a Teodolito)

Já arranhou as suas coisas? As horas passam, e...

Teodolito

Tem razão minha senhora. *(a Aaráo)* Portanto, como iremos juntos, até já. *(entra no quarto)*

Scena XI
Aarão e Carmo

Aarão (pegando na bagagem, disposto à retirar-se) Adeus, Carmo.

Carmo

Onde vai?

Aarão

Vou-me embora.

Carmo

Para?...

Aarão

Para sempre. (Novo movimento para sair) Ah! Não devo partir, sem lhe deixar a minha direção: Aarão Saavedra. Desempregado ortopedico. Mora da incerta, Lisboa. (saída falsa)

Carmo

Espera. (após uma breve hesitação) É o que tenciona fazer agora?

Aarão

Quere que lhe diga? Não sei. A vida só é boa para os fortes, e eu sou um fraco, minha senhora!

Carmo

Um fraco com toda essa carne? (as gargalhadas) Ora!

Aarão

Não ria, porque D. G. bem sabe que a carne é fraca. Não se rompe, não desbota, não encolhe com a chuva, mas a verdade é que Deus fez o homem de barro vil.

Carmo

O homem deve oferecer resistencia à dor.

Aarão

Resistir, o homem? Lembre-se que ele é barro, minha senhora! (Ponze tudo) A vida é uma estopada. Depois julgo que já desaprendi de viver. Viver? Mas eu nunca vivi! Quando muito, deixei-me viver!

nasci como toda a gente: loiro, minúsculo, inter-
 ressante, com trez ou quatro fillos no encurnto...
 O peor foi que desalei a crescer, a crescer, a tomar
 vulto, a alastar... Porquê, não sei. Talvez por dor-
 mir doze horas por dia... Talvez por comer as res-
 tantes doze horas... Certo é que cresci... até isto!
 (Jugando na bagagem) Adeus, Carmo. Vou-me em-
 bora. (saída falsa)

Carmo (impedindo-o de sair)
 Porque não se estabelece? (Darão pousa outra vez a
 bagagem)

Darão
 Já fui. Agora só se me restabelesse. Já tive
 uma casa um dia.

Carmo
 Foi um dia?

Darão
 Muitos dias.

Carmo
 Centos?

Darão
 Então... fali... Não se falou, e não passei de
 falido. Fali, porque ninguém me pagava. E não
 me pagavam porque eu não tinha coragem para
 pedir que me pagassem aquilo que eles me pediam
 para não pagar... (agarrando outra vez na bagagem.)
 É por isso que eu me vou embora, minha senho-
 ra... (saída falsa)

Carmo (pondo-lhe a mão no om-
 bro, comovidamente) Tenho pena de si, breia. Lau-
 sa-me dó.

Darão (colocando de novo a бага-
 gem no chão) Conhece-me apenas há 24 horas, e
 já vai de dó a si. Toda a escala cromática da
 compaixão!

*Larmo (mudando de tom e apou-
tando para a janela)* De? Já principia a romper a
aurora.

Aarás
É verdade! Já principia a romper... Aqui a
pouco está toda rola! *(Jogando na bagagem)* Mais
uma razão para eu me ir embora, Larmo...

Larmo
Ora venha cá. Não vê em mim nada mais que
uma desconhecida? Seja sincero!

Aarás
Ai, minha senhora! Eu já não vejo nada fi'z'o Larmo?

Larmo
Escute: O Teodofito vai partir. Chamam-no do Rio.
Quere substituir o Teodofito? Quer ser o meu pro-
curador?

*Aarás (dizendo cair toda a бага-
gem.)* Seu procurador? A senhora diz... seu pro-
curador? Eu, que toda a vida andei à procura,
feito procurador?

Larmo
O SAVEDRA, ha pouco, zonhou.

Aarás
Mas foi sem querer, furo-the!

Larmo
Pois muito bem. Quere arrumar em fada, reali-
zar em parte o seu sonho!

Aarás
O meu sonho? Ferei eu, porventura, um irresis-
tível, que...

Larmo
Devagar, Aarás. Não confundamos. É bom pôr
os pontos nos ii.

Aarás
Ponhâmos, minha senhora! Ponhâmos, mas dei-

ve-me continuar a dormir! O que eu sonhei!
 Sonhei com a igreja de V. V.

Larmo (interrompendo-o)

A minha igreja?

Aarás

Sonhei com a igreja do Larmo, sonhei com o quartel do Larmo, sonhei que descia a calcada de V. V., sonhei que subia pela rua Nova de V. V. ...

Larmo

Então acorde e compreenda: O seu sonho de cama, mesa e roupa lavada vai continuar, o sr. Aarás ha vedra, fica desde este instante, sendo meu procurador.

Aarás (alucinado de alegria)

Não pode ser! Não pode ser! Isto é por força ilusão de optica dos meus ouvidos! Procurador!? Seu procurador?! É o que exige de mim em troca?

Larmo

Nada, ou quasi nada. Seriedade...

Aarás

Já sou, minha senhora.

Larmo

Diligencia...

Aarás

Todo eu serei uma mala-posta, D. Larmo!

Larmo

Dedicação...

Aarás

Dedicação? Quere que lhe prove a minha dedicação desde nascença? Quer que me deite ao Tefo?

Larmo

Para quê? Que lucraria eu com uma coisa?

Aarás

Uma palavra sua, e atirar-me-hei daquela janela a' rua!

Carmo

Não. É sensado atirar-se para me provar a sua dedicação. Só lhe peço honestidade, diligência e prespicácia, porque vou encarregá-lo de indagações, de pesquisas, do diabo!

Araró

O diabo que me encarregue, seja o que for!

Carmo (estendendo-lhe a mão,

que ele baixe sófregamente) Vouque! E agora, para entrar imediatamente no exercício das suas funções, múltiplas de procurador, secretário e mordomo, aqui tem dinheiros.

Araró (recusando)

Dinheiros? Oh!

Carmo

Pague a nossa conta, prepare-se para ir com nosco.
(sae pela D. A.)

Araró (zô contemplando o dinheiro)

Duzentos mil reis! Dois lençoes de cem! Eu que nunca tive na minha mão senão guardanapos de cinco tostões! *(tomando uma resolução)* Bem. Vamos a isto. *(bate palmas rijamente)* Olá! O da casa! *(gritando)* Está surdos! Olá! Onde estão os creados desta casa?

Scena XII

Araró e Magnifica

Magnifica (furiosa, com uns

papeis na mão e a pena na orelha) Que disparate é este aqui? Então ainda se não foi embora? Que temos mais? O que deseja?

Araró (formidavel de pose)

Nada apenas isto: pagar a conta da Carmo e de Fedolito. Quanto é?

Magnifica (as gargalhadas)

Não querem lá ver o disparate? Pagar a conta de...

Pagar com que? Onde é que você tem o dinheiro
sen pelintra?

Araão (sem se desmanchar)

A conta! Venha ela, e deixemo-nos de palavras
inuteis e de insultos gratuitos! Tenha a
mais não me sobeja tempo para discutir
com creaturas da sua esfera social! O dinheiro
está aqui. E fique, dumavez para sempre
sabendo que tem na sua presença o secretario
geral e particular da ^{ma} Sr. D. Carmo. *(aparte)*
Bumba! Rebentou-lhe a castanha na boca!

Magnifica

Bem... Se assim é... aqui está a conta. Mas
sempre hei-de dizer a essa senhora que leva
uma boa prenda!

Araão (verificando a conta)

Hum... hum... *(dando-lhe uma das notas)* Tome.
E guarde a demasia para si!

Magnifica

Eu não aceito sobeja, não sou criada, ouviu?
(num desespero enorme) Mas isto chega a ser incre-
ditavel! Por sua culpa, vão-se todos embora,
fica-me a pensão vazia! E dei-lhe eu, um ano
cama, mesa e roupa lavada, de graça! O senhor
foi o terramoto da minha existencia! O senhor
atirou com a minha casa de pernas ao ar!
O senhor foi o catachismo; um ciclone, um
vendaval!

Araão (tranquilamente)

Porque não chama o Charginz de Tombal?

Magnifica

Um policia! Um policia é que eu deveria chamar,
para o prender!

Araão

A quem? A mim? Ora tenha juizo! É ponto final

na conversa. Não tenho por habito discutir com
donas de baixicas como esta! Está paga a conta,
não está? Então, viva! passasse muito bem!
(em altos berros) O' Godolito! O' Carmo! São horas
meninos! Basta já desta procliga ignobil!
(e a D. Magnifica que esenta de braços caídos, olhos muito
abertos e apavorada) E você, caluda, ouviu? Já sa-
be como elas mordem! Já aquilaton da inus-
perada força dum ex-marido deseneravado!
(berrando) O' Carmo! O' Godolito!

Acto XIII

Arão, Magnifica, Amancio e Castanheira
depois Godolito e Carmo, em seguida

Hipólito e Luz

(Amancio do quarto, com uma
mala na mão) Sera! que até parece Pilhafoles!
(a Magnifica) Já me trou a continha?

Castanheira (saindo tambem do
quarto, igualmente carregado de malas.) Uma noite
toda sem pregar olho! Sapa! (a Magnifica) En-
tão, essa conta?

Magnifica
Pontp. As contas aqui estão! (a Largo) Está
contente com a sua obra, sr. Arão Saavedra?

Arão (com um grande sorriso
de felicidade) Contentissimo, sr. D. Magnifica da
Costa!

Amancio (depois de verificar a
conta. Furioso) Mas isto é uma exorbitancia! Em
dez dias, vinte e cinco mil reis de extraordinarios.

Castanheira
Um roubo! Isto é um roubo! Vinho extraordinario,
agua extraordinario!

Amancio
Até a luz é paga como extraordinario!

Haras

É em casa é assim. Tudo extra-ordinario!

Magnifica

Tem razão. Ordinario, cá na pensão, era só você!

Amancio

Temha paciencia, mas não pago a conta. Então eu hei de dar sessenta escudos e ficar sem um par de botas?

Haras (procurando occultar os pés)

É aí volta o diabo a lembrar-se das botas! (Larmo e Teodolito entram simultaneamente)

Teodolito

Parece que a revolução deu em droga.

Larmo (a Haras)

Se já pagou a conta, vamos-nos.

Haras (com uma grande vénia)

Paguei, sim, minha senhora. E dei a demasia como gorgeta a esta pobre mulher...

Magnifica (numa supplica a Haras)

Vão-se todos! Ao menos... fica tu, Haras!

Haras (trôpeante)

Junca, minha senhora! Junca! É que não a torne a encontrar no meu caminho, ou vice?

De resto, a senhora não fica só. Restam-lhe os hospedes permanentes da pensão: os ratos, as pulgas, os percevejos, as...

Todos

Vamos embora! Vamos embora! (Luz e Hipolito aparecem)

Haras (a Hipolito)

Com que entã, seu membro: cò-cò-rò-cò?! (a Luz) É a menina Luz: cá-cá-tá-cá?!
Amancio

Pagar a luz, como extra-ordinario? Já é desaforo!

Castanheira
Mas que grande zombeteira!... Pagar a luz, como
extraordinarios!

Luz
Vamos? (grande algazarra; todos se dirigem para
a porta da saída; risos, zumbâncias, salamaleques para
a Luz.)

Magnifica
E vão-se todos!

Menos eu!

Luz

Hipolito (a Magnifica)

Todos, não, minha senhora. Eu fico.

Luz (descendo até junto deles)

Você não? Uha a admiracao! Você é o unico
que tem, todas as noites, luz no quarto, sem
pagar extraordinarios!

Pano rapido

Atto terceiro

Sala de visitas, mobiliario chic. Pano, bibeloto. Mui-
tas flores. Porta ao F. para a rua. Portas laterais para
o interior. Quando o pano sobe e Teodolito entra pelo fun-
do. Luz coloca flores num solitario.

Cena I

Luz, depois Teodolito

Teodolito (a Luz, que não deu
pela sua entrada) Bons dias, menina.

Luz

O que deseja? Por onde entrou? (reconhecendo-o) O sr.
Fio!!

Teodolito (admirado)

A creada da pensão!!

Luz

Ai que contente vae ficar a sr. D. Carmo! Tem falado tanto no senhor!

Teodolito

Sim? O desculpe o susto que lhe paguei, mas a porta estava aberta...

Leuz

Foi o estúpido do sr. Saavedra... Não ha maneira de tornar emenda, irra! E agora que a gatinagem anda por ai desenfreada!...

Teodolito (tirando-se cair na

na cadeira) Pois finalmente, que acertei com a vossa morada! Era agulha em palheiro! Se não fosse o Hipolito, andaria toda a vida e mais seis anos atrás da dona da capa preta... Felizmente que encontrei o Hipolito que... sabe que Hipolito é... o lá da penção...

Leuz (mal humorada)

Bem sei. O Hipolito. Boa firma, não ha duvida! Nunca mais lhe fuza a vista em cima... *(com um suspiro)* Ai! os homens! *(outro tom)* E já de volta? Sempre foi ao Rio de Janeiro? A senhora escreveu para lá 2 vezes, participando-lhe a sua instabilidade aqui.

Teodolito

Escreveu? Pois olhe, não recebi.

Leuz

Naturalmente extravaiaram-se. Sempre succede o mesmo ás cartas que o sr. Barão deita ao correio. Nunca se sabe onde ele tem a cabeça. Cruzeis!

Teodolito (ainda)

Já vejo que o meu successor ainda não obteve as boas graças da meninca Leuz.

Leuz

Ainda se lembra do meu nome?

Porque não?

Teodolito

É que já lá vão quatro mezes.

Leuz

Linco. Estamos em julho... boque é feito da sua ex-senhora - a da pensão?

Teodolito

A D. Magnifica? Sei lá! Sai poucos dias depois daquela noite. Peguei-me com o Hipólito... sabe que Hipólito é?

Leuz

Bem sei. O lá da pensão.

Teodolito

beatamente. Prometera-me mundos e fundos para me levar para o mau caminho, e um belo dia, zás! arranhou uma franciza. Os homens são todos uns malandros! Não desfazendo no sr. Tio... Tio...

Leuz

Hipólito, minha menina. Pois é verdade. Aqui, onde me vê, já fui ao Rio de Janeiro e voltei! E a senhora?

Teodolito

Está lá dentro. (ruído, dentro, de louça quebrada) Não a ouve?

Leuz

O que é aquilo? São nervos?

Teodolito

Não. São pratos. Foi sempre assim, a D. Carmo?

Leuz

Hoje que dia é? Esta feira? Então está certo.

Teodolito

Já tinha reparado nisso... Mas porque é assim todas as sextas-feiras?

Leuz

Teodolito

Porque a sexta-feira é o seu dia aziado. Numas
sexta-feira perden o pai; numas sexta-feira per-
den o noivo...

Leuz

Tem graça! É numas sexta-feira casou com o
pai. Que califagem!

Teodolito (dando um salto na
cadeira) O que diz você? Casou? Mas casou
com quem?

Leuz

Ora essa! Com quem havia de casar, senão
com o senhor!?

Teodolito

O senhor! É quem é esse senhor?

Leuz

Está a brincar comigo. O senhor é o pai.

Teodolito (arreliado)

É o pai é o senhor. Não saímos desta! (outro
tom) Casou! Por isto não esperava eu! É casou
sem ao menos me prevenir.

Leuz

Isso não. A Sr.^a D. Tarmo participou o casa-
mento ao sr. Teodolito, mas como encarregou o
sr. Darão de deitar a carta ao correio, e...

Teodolito

Não ponha mais na carta... É o sr. Darão, não
por a carta, está claro. Mas então esse cavalhei-
ro só tem barriga e mais nada! (mais ruído de
louça partida e, pela D. entro Darão, esfreguetado, de guarda
nao ao juoco, muito apofletico.)

Scene II

Leuz, Teodolito e Darão

Darão (a Leuz)

Paga-me o meu chapéu e a minha bengala. (vendo)

Teodolito) O que é isto? O Teodolito??

Teodolito

Ora bons olhos o vejam, meu muito digno substituto! (abraçam-se)

Azarão

O Teodolito! (a Luz) Olhe Luz: Não me traga o meu chapéu e a minha bengala! (voltando a abraçar Teodolito.) O meu velho Teodolito! (a Luz)

Olhe Luz: Tá lá dentro a senhora das-the aqua porque está desmaiada (a Teodolito) Ah, às vezes perdi os sentidos... (a Luz) e quando ela sacuda diga lhe que está cá o Teodolito... (Luz vai a sair) Olhe, Luz. É melhor dizer-the que não está cá o Teodolito.. (Luz vai pela D.) É você!... É você!...

Teodolito

Sou eu, homem! Certo? Como se tem dado no meu lugar? Bem, hein? Mas que espanto é esse, homem? Você está de boca aberta?

Azarão

Estou com ela aberta, porque não cheguei a acabar o almoço... Mas isto não é espanto: to alegria, e comoção é... (apertando-o nos braços, quasi em lagrimas) Ah Teodolito, que você caiu do céu aos trambolhões! Você não é você: é a Providencia!

Teodolito

O Azarão confunde-me, atrapalha-me... e comove-me. Esperava ser otimamente recebido, é certo, - mas com um tal entusiasmo, nunca!

Azarão (confidencial)

É que você não sabe... é que você não calcula... é que você não imagina...

Teodolito

Sei, calculo e imagino, porque já por lá passei. De-

mais a mais ouvi tudo.

Aaras

Tudo?

Podolito

Ouvi a Louca.

Aaras

Ah! A Louca? Isso e' o que me incomoda, menos. Hoje e' sexta-feira... Todas as sextas-feiras, para mim sao aziagas.

Podolito

Para si, tambem?

Aaras

Como, "tambem"?

Podolito

E' que a Carmo abomina as sextas-feiras, e nesse dia e' certo o destambelhamento dos nervos... Hoje e' dia de magro, e o seu cargo tem espinhos...

Aaras

Quando e' dia de magro, nao tem espinhos. Tem espinhas! E' apusar disso, voce nunca me viu mais gordo, nao e' verdade? O que quer? E' sim. Engordo por fora, mas emagrecço por dentro. O corpo esta obeso, mas a alma esta a dar-se ao creador.

Podolito

Ago diga mais. Eu ja' por la' passei... (outro tom) e' agora que estamos so's diga-me: o marido?

Aaras

Qual marido?

Podolito

O dela! - Soube, agora mesmo, pela creada, que a D. Carmo tinha tomado estado...

Aaras

Agora mesmo? Entao voce nao recebeu a partici-

paçadas? (a um gesto negativo de Teodolito) Então
você não sabia que... é uma carta minha?
Também não? É duas outras dela? Hein? Eu
nem vê que... (rumoçando em todos os bolsos e encon-
trando quatro cartas) Tem razão. Deitei-as na algi-
beira, em vez de as deitar na caixa. Tome lá.

Teodolito

Para quê? Eu estou aqui...

Aaras

Sempre será bom ter. Há coisas que só em le-
tra redonda se acreditam. Com que então não
sabe nada?

Teodolito

Nada.

Aaras

Ah!

Teodolito

A Carmo é uma excelente rapariga, mas com
uma telha! (confidencial) O pai passava uma
cruz com ela. Tanto que, ao falecer, numa
sexta-feira, confiou-a, dizendo: "Tem pacien-
cia, meu velho. Ahura já!"

Aaras

Tem um bocadinho de telha, isso tem!

Teodolito

Um bocadinho? Upa!

Aaras

Tem razão. Upa, Teodolito.

Teodolito

Depois a morte subita do noivo, também nu-
ma sexta-feira... Você não ignora, o que se
tinha passado com o noivo dela, não é verdade?
Você sabe, hein?

Aaras

O tal que foi enterrado sem roupa nenhuma,

no Rio de Janeiro?

Teodolito

No Rio, não. Em Petas.

Ararã

Pois é!

Teodolito

Sabes, pois, que...

Ararã

Sei - Isto é: Não sei. - Quero dizer: Não sei, mas calculava.

Teodolito

Com a liberdade que os dois tinham o desastre era inevitável.

Ararã

Ah! O rapaz morreu de desastre?

Teodolito

Não. O Romeu teve morte natural.

Ararã

O Romeu? Qual Romeu? O da Julieta?

Teodolito

O Romeu da Carmo. - Julgo que faleceu com o vomito negro.

Ararã

Naturalmente foi indigestão. - Mas, então, de que desastre falava você?

Teodolito

Do desastre dela. - Sim... dela e dele... Com a liberdade de agir que o pae lhe dava, um bello dia os dois foram-se de Petas ao Rio, em digressão gmeira. - (rindo) Uma viagem de milicias! - É certo que com ela ia uma dama de companhia mas... isto de damas de companhia. Deixam-se todas adormecer a pedido dos interessados.

Ararã

Ah!

Teodolito
No segundo dia, meteu fasscata ao Tã do Assucar. - Você está a vêr.

Ararã
Eu estou a vêr. Ao Tã do Assucar. Eue lambareiros.

Teodolito
A dama de companhia não foi. - Ora, o peor é que, quando chegaram ao alto do mōtro, começou a chover torrencialmente. Tã dai, o par-sinho resolveu abriggar-se debaixo de um alpendre qualquer. As horas passavam e a chuva não se ia embora. Depois da chuva, relâmpagos, - e eles debaixo do alpendre. Depois dois trovões, - eles debaixo do alpendre. Depois...

Ararã (interrompendo-o)
A fassa, os raios e os coriscos, - e eles sempre debaixo do alpendre! (levanta-se e passa a julgar-se agitado)

Teodolito
Quando a tempestade passou... não sei se você me percebe.

Ararã
Não quero perceber!

Teodolito
Desastre que o casamento repararia, se o Pomen...

Ararã (furioso)
... - Se o Pomen não resolvesse furtar-se ao cumprimento do seu dever, desatando a vomitar e a morrer!

Teodolito (muito admirado, com a atitude de Ararã) Mas, o que é, que você tem? Eue bicho lhe mordeu, homem?

Ararã (caindo em si e voltando a sentar-se) - Nada. - Continue.

Teodolito

É claro que a situação da Carmo, apesar de magnífica... (interrompendo-se. *Outro tom*) A propósito. É sua esposa?

Araújo

E qual? (retificando, apressadamente) Ah! A magnífica? Não sei. Nunca mais a vi, - após a primeira bofetada.

Teodolito

Você nessa madrugada foi épico!

Araújo (vaidosamente)

Parece-lhe?

Teodolito

Você tinha comido baleia, nesse dia?

Araújo

E qual! Foi uma postincha de pescada, invisível a olho nu...

Teodolito

Você nesse instante, tornou-se enorme!

Araújo

Enorme? (num desalento) Era a fome, menino. A fome ou a revolução. Ou o gramofone, quem sabe? - porque aí! - voltei a ser menino e moço! (Um tempo. Voltando ao assunto) Com que, então, dizia você, a tal Julieta do Carmo...

Teodolito

Julieta, não. - Romeu.

Araújo

Romeu ou Julieta, Paulo e Virginia, Borges e Lima, - para o caso importa. - Dizia você que a Carmo já...

Teodolito

Chau! Eu julguei que você sabia.

Araújo

Está claro que sabia. Isto é: eu não sabia. - Souro dizer: Não sabia, mas calculava.

Teodolito
E as pesquisas têm continuado? Já apareceram a mãe?

Ararás
A mãe? Qual mãe?

Teodolito
A dela! *(Jurante a atitude admirada de Ararás)* Então ela não lhe contou nada? Não o encarregou de...

Ararás
Não. Por duas ou três vezes principiou a macar-me com uma história algo complicada dum pae que roubou uma filha e que... Mas, como só me contava isso ás sextas-feiras, julguei que era um folhetim semanal... e adormecia sempre. - Hoje, porém, por ter recebido uma carta misteriosa, - o acesso nunca mais acaba. - Doze pratos, um solitario e um capdeiro de suspensas.

Teodolito
E não ha remedio para isso?

Ararás
Ha. E uma questao de dinheiro. Compram-se outros.

Teodolito
E a carta? E anónima?

Ararás
Creio que não, porque traz assinatura. E do Hipolito. Sabe que Hipolito é? O lá da pensão. - Mas, afinal, que historia é essa da mãe? Como hoje era sexta-feira, tornei a julgar que era o tal folhetim.

Teodolito
Ela agora tem marido... É justo que se faça elle o encarregado das pesquisas. *(Leuz aparece da D.)*

Ararás
A senhora já voltou?

Leuz
Oa o disparate! Bem sabe que a senhora não saiu.

Ararã

Estupida! Pergunto se ela já voltou a si.

Leuz

Deitei-a na cama e já p'vir um olho.

Ararã

Bom, então, antes que ela os abra todos, respondo-me.

Podolito (vindo as horas)

Demonio! É tarde e ainda tenho de dar umas voltas. *(a Ararã)* diga a Sr.^a D. Carmo que virei logo jantar com ela. *(reconsiderando)* Ah que animal! Não me lembrava que ela era casada e que o marido, às vezes... Que tal é o marido?

Ararã (atrapalhado)

O marido? Hum...

Podolito

Hum?

Leuz (as gargalhadas)

O marido da D. Carmo? Ah! ah! ah!

Podolito

Você ri? É um pateta, aposto.

Leuz

Um pateta? Ah! ah! ah!

Ararã (com um risinho amarelo)

Um pateta, o marido? Ah! ah! ah!

Podolito

Ou, então, um traga-mouros feroz.

Leuz (apontando com um dedo, para Ararã e sempre a rir)

Feroz? Ah! ah! ah!

Ararã (mesmo jogo)

Feroz? Ah! ah! ah!

Podolito

Vocês riem? Então já sei. O marido não passa dum infeliz, dum imbecil, dum bonifrate nas mãos da nossa Carmo.

Leuz (caindo numa cadeira, a

rir desesperadamente.) Um bonifrate! Um imbecil!
Ah! ah! ah!

Arão (vendo, a Teodolito)
Está aí a creada, amigo!

Teodolito (caindo em si)
É verdade! Não me lembrava da creada. Até logo,
Laavedra. (saida falsa) Que, afinal, você não deve
dar-se muito mal com o seu novo emprego...
Com certeza que a Carmo não vai exigir de si tra-
balho superior às suas forças. Até logo.

Arão (a Luiz)
Acompanhe o senhor Teodolito.

Luiz
Cá vou, senhor... senhor empregado! (sae, rindo,
pelo f., com Teodolito.)

Scena III

Arão e Carmo

Arão (desabando num futevil,
desanimado) Não tive coragem para lhe dizer que
o bonifrate, que o traga-mouros, que o infeliz, que
o imbecil, que o marido da Carmo, era eu! Que
burro!

Carmo
Quem estava aqui a falar consigo? Ouvi uma
voz de homem...

Arão (firmemente)
Era o Teodolito.

Carmo
O Teodolito? Qual Teodolito? O meu Teodolito?

Arão
O seu? Ah! O Teodolito também é seu? E eu a
julgar que a senhora só tivera a Julieta!

Carmo
A Julieta? O que quere o senhor dizer com isso?
Era o Teodolito, e deixou-o ir-se embora?

Não o deixei. Mandei-o

Ess'agora é melhor! E mandou-o, porquê?

Por hoje ser sexta-feira.

Hein?

A terrífica, a fatídica, a ignobil sexta-feira, dia do seu ataque de nervos e do vômito do outro.

O vômito... A Julieta... tá claro, se quere que eu o entenda.

Basta de fingimentos, minha senhora! Abaixa a máscara! Eu sei tudo!

Tudo?

Tudo, sim... e mais alguma coisa!... A morte natural do seu amante, o desastre, o pão, o alpendre, o assucar, o mórro, o amor ^{que} surge, o trovão que cai, a chuva que relampeja, o raio que alaga, o pão que amolece, o assucar que derrete... Tudo!

O senhor está doido varrido!

Sim, minha senhora, estou varrido e esfregado! Soube tudo pelo Kodohito, que se abriu comigo, imaginando que nesta casa eu era apenas procurador, e ignorando que, ha dois mezes já, exerceo as funções de marido!

Você bem sabe que casei consigo. Por piedade...
e talvez por conveniência. Você parecia um ho-
mem de peso...

Arão

Parecia e sou. Vou-lhe, por testemunhas todas
as balanças da capital e arredores.

Larmo

A lamentável odisséia ~~da sua~~ da sua vida, pe-
nalizou-me. O meu coração vibrou, não de
amor, mas de compaixão, e foi esse sentimen-
to que levou a...

Arão (interrompendo-a)

... a pedir a minha mão, não é verdade? Em
duas palavras: casou comigo por esmola. E foi
por esmola também que a senhora já tinha
estado com o outro em Botas?

Larmo

Deixe os mortos socgados. Confessei-lhe, antes de
casar, esse namoro banal.

Arão

Essa paixão violenta.

Larmo

Leza. Essa paixão violenta.

Arão

Mas o que a senhora me não confessou, foi que
esse namoro tinha pegado d'eláca! Mas q'ue a
senhora me não confessou foi que tinha ido
com ele ao Rio de Janeiro. O que a senhora me
não confessou foi que, no tal passeio ao Rio do
Azucar, o maroto, deixou o pão, depois de se ter
alambazado com o assucar!

Larmo

Senhor! Não me magoe com essas expressões grosseiras.

Arão

Eu não a magoo, Larmo! Eu nunca a magoei! O seu

passado é que...

Larmo

Basta! O meu passado não é para aqui chamado! De resto, eu não tenho que lhe dar explicações!

Ararã

O' senhores! Esta mulher parece a outra mulher!

Larmo

Pois bem. É verdade. Tu tive uma nodosa...

Ararã (interrompendo-a)

Burra! Lá está a nodosa! Em tudo igual à magnífica, que também tinha uma nodosa! Já é azar, e falta de limpeza!

Larmo

Grosseirão!

Ararã

Afinal, eu, nesta vida, nunca sou marido: Sou sempre lavadeira!

Larmo

Das duas, uma: Ou me quere assim, com todos os meus defeitos passados e boas qualidades presentes, ou não me quere, e então adeus, passe por lá muito bem. De resto, o que lhe falta nesta casa, se, com a minha mão, mais uma vez obtive cama, mesa e roupa lavada?

Ararã

Lavada? Como é que a senhora ousa chamar lava do aquilo que está sujo e bem sujo? Depois, a sua alma está hermeticamente fechada para mim. Fechou-se com o Romeu, como, agora, se fecha com sua mãe.

Larmo

chinha, mãe?! Ai! Poderia a Deus que esta carta não fosse uma justificação, e que eu encontrasse minha mãe!

Ararã

Ja' vejo que e' sina minha. Todas as mulheres
que eu arranjo, perdem sempre uma pessoa
de familia!

Carmo

Bastantes vezes lhe quiz contar a tragedia do meu
nascimento, mas o senhor junha-se a olhar, muito
para mim, a bocejar, a... (*outra tom*) O senhor não
passa de um indolente, dum pateta, dum caseca-
grossa! O senhor não e' digno duma mulher chic
como eu! Porque na minha familia só' houve
gente chic, percebeu? Meu pae era um homem chic,
meu avô era o que se chama um velho chic, eu ape-
sar de todos os defeitos que você me empresta, sou
chic, absolutamente chic, completamente chic!

Carão

Então, com tanto chic, a sua familia não e' familia,
e' um chiqueiro! E, sabe que mais? Bólas! (*sae Julia D.*)

Carmo

E casei eu com este homem! Para que? Para que?
(*sae Julia D.*)

Scena IV

Leuz, Teodolito e Hipolito

Leuz (*entrando, seguida de Teodolito*
e *Hipolito*. *com mau modo*). Tenham a bondade de
entrar.

Teodolito (*compulsando uns papéis*).
A Hipolito, chas, não ha duvida! Conferem os no-
mes, conferem as datas.

Hipolito

É? Isto fala como gente. É pela certa.

Leuz (*a Teodolito*)

Vou prevenir a senhora... ou o senhor?

Hipolito (*a Leuz*)

Ora vamos, filha. Não vale a pena fazeres uma ca-
ra tão feia. Ninguém te mandou deixar a pensão.

Leuz
 É a franceza?

Hipólito
 Importa-me bem da franceza! Tu, afinal,
 é que te safaste da casa á franceza! Tudo
 caminhava tão bem (a Rodolito) Você des-
 culpe esta scena de familia, sim? (a Leuz)
 Olha, Leuz.

Leuz
 Deixe-se de palavrões. A Leuz acabou.

Rodolito
 Não! Eu não quero ficar ás escuras!

Hipólito
 O negocio vai por excellento caminho. (com
 uma caricia no rosto de Leuz.) A pensão, a propi-
 ma-se de nós, a pagosa agigantados...

Leuz
 Serio? É o senhor nunca deixou de pensar
 em mim?

Hipólito
 O menina, tu bem vês que, se eu não pen-
 sásse já tinha saído da pensão! E agora
 vai prevenir a senhora.

Leuz
 Vou num pulo. (sae pela D.)



Scene V

Teodolito, Hipolito

Hipolito

Ohe que já são dois anos de investigações por conta própria. Sem o menor interesse, é claro. A não o de ficar com a pensão da Magnifica.

Teodolito

Ha doze ando en armado em policia amador. Mas, tem graça! Quem nos havia de dizer que, mal chegados a Portugal, logo na casa onde pernoitámos...

Hipolito

Até parece um romance!... A vida tem surpresas singulares! A surpresa que a D. Carmo vai ter!

Teodolito

Ha a alegria que a D. Magnifica vai experimentar!

Hipolito

Ora, você diz, Teodolito, que o pae da Carmo nasceu...?

Teodolito (consultando uns apontamentos.) Em 1860, na cidade de Lisboa, batizado, na freguesia dos Martires, com o nome de Alvaro...

Hipolito (mesmo Jogo)

Aos vinte anos hospedou-se numa pensão, ao Corpo Santo. Essa pensão tinha uma filha nova e uma mãe velha, e...

Teodolito

Ho dessa filha nasceu uma filha que recebeu o nome de Maria.

Hipolito

Mau! Não confere.

Teodolito

Maria do Carmo. Está certo. A miúda foi criada fora de portas, às ocultas da avó, que nada sabia, porque a Magnífica deu-a à luz em casa duma amiga do collegio.

Hipolito

A filha do Dr. Lopes. Continua a bater certo.

Teodolito

Depois, questões de familia do rapaz, que era fidalgo, a má cabeça da D. Magnífica...

Hipolito

Ho citado Alvaro, tendo de partir para terras de Santa Cruz, a tentar fortuna, pegou na filha - e alá pelo mar fóra!

Teodolito

O resto é comigo. No Brazil enriqueceu e um

belo dia, acontecem-lhe aquilo que, desde tempos imemoriaes, é costume acontecer ás pessoas que falecem: morrem.

Hipólito

Quem vai ficar fúlo é o Laavedra!

Teodolito

É verdade! O Laavedra é que vai ficar fúlo. Ter de grammar outra vez a sua ex-mulher!

Hipólito

Eu, pelo sim pelo não, guardei o maior segredo. Isto é, a Magnifica ainda não sabe quem é a filha. Reparei-a para a grande alegria de hoje e fiquei de a chamar pelo telefone da...
(interrompendo-se ao vêr entrar a Carmo) Ela aí está!

Cena VI

Hipólito, Teodolito e Carmo

Carmo (a Teodolito)

É você! É você, finalmente!

Teodolito

Sou eu, minha senhora.

Carmo

Já desesperara de o tornar a vêr. Meu bom amigo! (de subito, reparando em Hipólito) O senhor também?

Hipólito

V. H. por certo, recebeu a minha carta em que...

Carmo (vibrante de cólera)

Recebi. Claramente que recebi. A estúpida da
Leuz é que não me prevenira de... (ansiosamente)
vendas? É, pois verdade que vou ver minha
mãe? É, pois verdade que... (interrompendo-

-se; a *Teodolito*) Você perdôa-me, sim? Mas
a ideia de encontrar minha mãe, absorve
me inteiramente. De resto, você nunca
respondeu às minhas cartas, e nem sequer
me felicitou pelo meu novo estado...

Teodolito (tirando do bolso as

cartas que havia lhe entregara.) As cartas de V. H.
estão aqui. Recebi-as hoje. Deu-mas o Sa-
vedra pessoalmente.

Carmo

Aquela cabeça! Aquela cabeça! Você conhe-
ce-me, não é verdade? O meu casamento
foi uma das varias resoluções que eu to-
mo de repente. Casei como poderia ter
ido a Paris ou ao Coliseu: casei para me
distrair.

Hipolito

Efectivamente, o casamento é um passatempo
divertido... e inocente.

Carmo

Às vezes. Nem sempre. (a Hipólito) Mas, como é que o senhor, mal me tendo visto e não sabendo de nada...

Hipólito (interrompendo-a)

O acaso, minha senhora. Isto é, aqui o Teodoro andava à procura duma mãe que não era dele, e eu andava à cata duma filha que não era minha. De indagações a indagações, o nome de V. H. surgiu. Depois encontrei este nosso amigo que saía desta casa. Os dois Sherlock chocaram-se, e a luz da verdade fizeu-se.

Carmo (ansiosa)

Meu Deus!

Hipólito (depois duma pausa,

e lendo uns papéis; com gravidade.) V. H. é ou não é uma recém-nascida há vinte e quatro anos, na cidade de Lisboa, filha naturalíssima do Sr. Alvaro Luiz de Lampaio de Toledo e Pinto? V. H. recebeu ou não da pia o nome de Maria do Carmo, e...

Carmo

Sou eu! Sou eu!

Hipólito

Basta, minha senhora. Essa sua inter-
feição - sou eu! - é um grito da voz do san-
gue meio azul de D. G. Pois muito bem.
Prepare-se para uma grande alegria. D. G.
perdeu seu pae. D. G. pae encontrar sua mãe.

Carmo

Onde? Como? É quem é? Como se chama?
O meu pae, ao falecer repentinamente, quasi ne-
nhumas indicações deixou. Procurar minha
mãe em Lisboa, o mesmo era que tentar en-
contrar uma agulha num palheiro!

Teodolito

É, todavia, o palheiro era conhecido de D. G....

Hipolito

Prepare-se, portanto, minha querida senhora,
para recuperar a sua respectiva maternidade.
Vou telefonar-lhe...

Carmo (radiante)

A quem? A minha mãe?

Hipolito

A sua mãe que, através do telefone, espera,
ansiosa, um raio de sol que a bafeje e um
automovel que a conduza.

Carmo

Minha mãe! Vou vêr minha mãe! (a Hipolito)

Corra, võe, traga-na depressa!

Hipólito

Já estou a ruflar as azas, excellentíssima se-
nhora! (á parte) É a minha a pensão da D. Ma-
gnífica! (sae, correndo, pelo F.)

Scena VII

Carmo, Teodolito, depois Aarão

Carmo (doida de alegria e apor-
tando nas suas mãos as de Teodolito) Será verdade?
Isto será verdade? Eu não estarei a sonhar? É
quem é ela? Como se chama?

Teodolito

É uma surpresa. É um misterio que eu não
lhe deverdarei, para a não privar das ale-
grias do inesperado. É, assim, apesar de ser
hoje sexta-feira, V. V. terá a maior alegria da
sua vida! É seu marido? O que dirá seu marido?

Carmo

Importa-me pouco o que ele possa dizer. (abraça-
do-o com entusiasmo) Ah, Teodolito! Vou, finalmen-
te, ser feliz, completamente feliz! (Aarão aparece
da D., pronto para sair. Ao vêr Carmo nos braços de Teo-
dolito, estaca no limiar da porta.)

Aarão

É pronto! Só me faltava "isto" para ser tudo!

Teodolito

Aaráo, meu velho, a felicidade entrou nesta casa!

Aaráo

Pela sua mãe, não é verdade? (Teodolito; radiante, estende-lhe a mão que Aaráo recusa com um gesto feroz.) Retire para lá isso! O senhor é um sátiro!

Carmo

Um sátiro, ele?

Teodolito

Eu, um sátiro?

Aaráo

Sátiro sim. O senhor é um sátiro porque s'atra a essa mulher.

Teodolito (boquiaberto)

A esta mulher?

Carmo

Você tornou a endoidecer?

Aaráo

Cala-te, infeliz! Cala-te, desgraçada!

Teodolito (à parte)

Então ele trata-a por tu....

Aaráo (a Carmo)

Afinal o seu coração é como que uma espécie

de loteria da Santa Casa da Misericórdia.
Depois de vender a tatuda ao tal Pommeu e
uma aproximação a este seu creado, pretende
agora subornar este velho, com o subversivo
grito de "quem acaba presto"!

Rodolito

Mas, meu amigo...

*Parad (furioso, cruzando para
de.)* O que disse, está muito bem dito. O senhor
é um sátiro! O senhor é um bilbe! O senhor
é um fauno! É até mais ver! *(saída falsa)*

Carmo

Então agora que, finalmente, minha mãe apa-
rece, o senhor foge? Onde vai, senhor?

Parad (trágico)

Onde vou? A senhora quer saber onde vou?
Vou fazer horas para o jantar. *(sae precipitada-
mente pelo S.)*

Rodolito (atrás dele)

Um fauno! Venha cá, Saavedra! Você disse
"um fauno"? Aqui há por força um mal en-
tendido! *(sae correndo atrás dele)*

Scene VIII

Carmo, Luiz, depois Rodolito, Hipolito
e Magnifica

Carmo (a Luiz que aparece)

Luiz, minha boa Luiz! Hoje é o dia mais
feliz da minha vida. Venha a minha mãe.
Aumentou-te a soldada.

Luiz

O minha senhora! Mas isso é uma felicidade!
E o senhor?

Carmo

O senhor foi-se... Deixa-lo ir. (ouve-se a bu-
zina de um automovel.) E ela! Diz-me o cora-
ção que é ela! Vai vêr depressa.

Luiz

Imediatamente, D. Carmo. (á parte) Se foi o
Hipolito, a pensão já já canta! (sae pelo D.)

Carmo

Meu Deus! Parece querer saltar do peito o
maldito!

Rodolito (aparecendo)

O Haras levou sumico. Não sei onde se me-
ten tão depressa. Mas vem a sua mãe. (Hipo-
lito surge ao D.)

Hipolito (a Carmo)

Coragem, minha senhora. Ai está sua mãe!
(Magnífica e Luz entram pelo F.)

Magnífica
Minha filha! Onde está a minha filha
Hipólito (avançando e com ar
solene) Mãe, ai tens a tua filha! Filha, ai tens
a tua mãe!

Luz
Minha mãe?

Magnífica
Minha filha? Pois a menina é...?

Luz
Pois a sr.ª é!...

Hipólito
São ambas, absolutamente, podem ter a cer-
teza! (Mãe e filha caem nos braços uma da outra.)

Luz
Por esta é que o sr. Harão não esperava!

Hipólito (a Luz)
Nesta altura, apoteose - e a pensão é nossa!

Magnífica
Pois és tu? Tu, a senhora do violino, a meni-
na brasileira, a...

Luz
Até parece um sonho, minha mãe. - E se não

fosse ah! o sr. Hipolito!

Hodolito (a Hipolito)

Você é um Sherlock, não tenha dúvidas!

Magnifica

E eu devia ter te reconhecido imediatamente.

É a cara de teu pai!

Hipolito (a Leuz)

Hein? E o que dizem a isto?

Leuz

O pior é o resto.

Hipolito

O resto?

Magnifica (a Hipolito)

Se não fosse o sr... Bem podia eu esperar toda a vida da sagacidade do Charão que...

Carmo (com um grito)

O Charão! O Charão! Salva-me Deus!

Todos (inquietos)

O que foi?

Carmo,

Nada, meus amigos! É a comocão, é a...

(à parte, num sussurro.) Casei com o marido da minha mãe!

Magnifica

Bele, onde está? Onde está ele? *(e, como todos a*

olhem, admirada.) Sim, o teu marido. Quero conhece-
cer o meu genro, quero abraçar o meu genro,
quero adorar o meu genro!

Luiz

Está's servida. *(Vai atijá porta do D.)*

Carmo (enchendo-se de coragem)

Mamã, esenta: é'necessario, é'forcoso que
saibas que o Aarão, que o Laavebra...

Luiz (anunciando)

Tem ai o sr. Aarão.

Magnifica (apavorada)

Eh, agora, neste momento? *(irritadissima)* Man-
dem-no embora! Mandem passear esse ho-
mem! - Não quero vêr esse monstro, esse ban-
dido, esse... *(desmaiando)* A alegria de te vêr...

O nome desse homem... *(cae nos braços de Carmo.*

- Grande abra-palhucão. Cada um corre para seu lado.)

Carmo

Para o meu quarto! Levem-na para o meu quarto!

Luiz

É um medico! Chamem um medico!

Podolito

Pagam agua! É' preciso agua, - on la' vai tu-
do pela agua abaixo! *(Levam Magnifica des-
falçada, para o quarto da D. - Carmo sai pela E. A.)*

Lena IX

Ararã só. Depois Hipólito, Teodolito e Carmo.

Ararã (pelo t.)

Antes eu tivesse morrido na noite fatal da revolução. - Se me tivessem morto, talvez fosse a estas horas ministro!

Teodolito (saíndo precipitada-mente da D., com Hipólito.) É melhor amoniacco! Vamos depressa à farmacia!

Hipólito

Ou flor de laranja... talvez compressas de agua fria.

Ararã

Ha novidade? O que foi? Vocês vão com pressa?

Teodolito

Com pressa às compressas, para a testa da mãe.

Ararã

Da mãe? Qual mãe?

Hipólito

Da mãe dela. Da mãe da D. Carmo.

Ararã

Então ela já arranhou mãe?

Teodolito

Emal sabe você quem é a mãe da filha.

Araão

Infelizmente, eu só sei quem é a filha da mãe!

Hipólito (com um riso escar-
minho.) Quando você souber, até' mia! - Mas
por enquanto é surpresa!

Teodolito

Mas, por enquanto é misterio.

Araão

Misterio! Surpresa!

Teodolito

É só quando vier o marido da D. Carmo é' que...

Hipólito

É verdade. Só quando vier o marido é' que...

Araão (as gargalhadas)

Ó rapazes, pois vocês ainda não sabem que o
marido é...

Hipólito e Teodolito

Quem?

Araão

Este vosso creado! O marido sou eu!

Hipólito e Teodolito

Você?

Araão

Eu, o Laavedra, pois então? Parece impossí-
vel, mas é verdade!

Hipólito e Rodolito

Oh!

Aaráo

Ó, agora, vão lá às compressas, que eu vou verificar de que cor é a minha sogra. (dirige-se para o quarto. Hipólito e Rodolito embargam-lhe a passagem.) O que quere dizer isto?

Rodolito

Quere dizer que você não deve ir por enquanto vêr a mãe de sua mulher! (com um dedo nos lábios) É uma surpresa!

Hipólito (mesmo jeito)

É uma surpresa. (a Rodolito) É agora vamos às compressas! (saem pelo D. às gargalhadas.)

Aaráo (indo atrás deles)

Mas, ó rapazes... Mas, ó meninos... (desistindo) Est' agora é melhor! Então eu não hei-de vêr a mãe de minha mulher? - Ora adeus! (põe a correr para a D. e estarra com Carmo, que entra pela B. com um copo com água.)

Carmo

Onde vae, sr.?

Aaráo

Vou vêr a minha sogra! Vou vêr a tua mãe! A mãe de minha mulher!

Carmo

A sua sogra? A sua mulher? Mas o sr. sabe
lá qual é a sua mulher ou qual é a sua sogra!?

Arão

Não sei? Ora essa? Então eu não sei? Deixe-me
passar!

Carmo

Nunca sr! Nunca, ouviu? (vae a sair.)

Arão (Tirando-lhe o copo das
mãos) Eu revento desta vez! (bebe o conteúdo)

Carmo

O que faz, senhor! A agua que era para minha
mãe?! E tenho de ir buscar outra! (vae de no-
vo pela E.)

Arão

E agora, coragem. Uma sogra não é, certamen-
te, o hipopotamo do Jardim Zoológico. (vae a
entrar na D. quando Amancio aparece ao F.) Foi cá fal-
tava este, agora. O homem das botas! Das uni-
cas botas que os meus calos suportam.

Scena X

Arão, Amancio, depois Carmo

Amancio

Ora então, parabens. Dize-me neste instante
o Hipólito que você casara com a brasileira.

Ah! seu magarão! (abraçando-o) Isso é' que é sorte!

Arão (á parte)

Isso é' que é azar!

Amancio

Depois, a historia da velha. Tem piada, mas é' uma dos diabos. Eles iam á farmacia. Eu subi para vêr a scena... o encontro... Ha-de ter piada!

Arão

A velha... O encontro... Agora é' que eu não percebo nada!

Amancio

O demonio é' que venho arrazado... e com sede... (vendo Carmo que entra com outro copo de agua) chinha senhora!

Carmo

Meu cara sr... Eu atendo-o já. Como sabe, minha mãe...

Amancio

Sei, sim minha senhora... E, se me dá' licença... (tira-lhe o copo da mão e bebe.) Chinha com uma sede!

Carmo

Outro?

Amancio

Outro, não, minha senhora. - É o primeiro!

Lucrecio

Pobre mamã! Quando chegar a beber a água, é capaz de já ter morrido. - Demais a mais, hoje é sexta-feira... *(sac fula t.)*

Daráo

E agora, que já bebeu, pôde ir-se embora quando quizer.

Amancio

Tem vêr a scena? E o vais! - Ora o nosso Dará! Mas você está esplendido, sabe? Você está optimo da cabeça aos pés!

Daráo (à parte, tentando occultar

as botas) Aos pés? Está com ela ferrada!

Amancio (sentando-se)

Pois a verdade é que, desde aquella tragica noite, nunca mais lhe puz a vista em cima. E, agora, depois duma tão longa ausencia, isto até consola...

Daráo (à parte)

Consola? Lá vem piada as botas!

Amancio

Você está sempre o mesmo: não envelhece, não desbota...

Ararã (á parte)

É ele a dar-lhe com as botas!

Amancio

É a proposito. Você sabe que o gatuino das minhas botas não appareceu.

Ararã

Não sabia maior.

Amancio

Porque se apparecesse, furo-lhe que... (deixa cair no chão o chapéu, baixa-se para apunhá-lo e examina, então, o calçado de Ararã.) Ora, espera!

Ararã (á parte)

É agora! Sou um homem morto!

Amancio

Mas, não me engano, não! Estas botas são...

Ararã (atrapalhado)

São umas botas. É verdade, ainda não tinha reparado!

Amancio

O formato, a cor, os protetores... Estas botas, são as minhas botas!

Ararã

As suas? O maior!...

Amancio

São minhas! Muito minhas!

Aarã

Peco perdão, mas estas botas em segundos pés, comprei-as eu em segunda mão! Juro-lhe que nunca tive presilhas, para me agarrar às presilhas alheias!

Amancio (furioso)

Ai sim? (agarrando-lhe um pé e jurgando-lhe a bota.) Fora!

Aarã

O sr. major!

Amancio (em colera)

Descalce já isso imediatamente!

Aarã

Mas eu afirmo-lhe que... (vae descalcando a bota.)

Amancio

Ora o membro! Deitar a mão ao que lhe não pertencencia!

Aarã

Não foi a mão, foi o pé!

Amancio

Agora, a outra! (Aarã obedece) É o que eu devia era ir queixar-me imediatamente à policia!

(envolvendo as botas num jornal que tira da algibeira)

Ora o palife! (vae a sair pelo F.)

Aarã

O major. E minha sogra? Já não quere
vêr minha sogra?

Amancio (furioso)

Sua sogra? Loma-a com batatinhas! (sac)

Arão (desolado)

Olá foram as botas p'r'o major! (deixando
-se cair numa cadeira) Beram tão saudáveis, com
gaspeas de cabedal americano, solas intiras,
protectores resistentes... A falta que me vão fa-
zer os protectores! E minha sogra? Então eu
hei-de apparecer descalço à mãe de minha
mulher? Uff! Eu sufoco! Tenho as botas abra-
vessadas na garganta!

*Carmo (aparecendo, mais uma
vez, com o copo d'agua.)* É a mamã à espera
da agua. (vendo-a, Arão, dum salto, arranca-lhe
das mãos o copo.) O que faz, senhor?

Arão

Deixa-me, que se não bebo, estouro. (bebe a agua)

Carmo

Ainda mais agua? Mas isso não é barriga,
é o aquário de Algés! (retrocendo de novo e en-
caminhando-se para a t.) Lá dez minutos à es-
pera da agua!

Arão (respirando finalmente)

Já passaram.

Carmo

Os dez minutos?

Arão

Não. As botas.

Carmo (encolhendo os ombros e saindo) Está doido!

Arão

Ó agora... (berrando) Ó Luz! As minhas pantufas!

Cena XI

Arão, Magnífica, depois Carmo
Magnífica

O senhor?

Arão

A senhora? A senhora nesta casa? O que faz a senhora aqui?

Magnífica

Não me esperava, hein?

Arão

Mas isto é perseguição, por adêlo, ou o que é. Porque está a senhora nesta casa? O que veio fazer a esta casa? O que quer a senhora desta casa?

Magnífica

Porque estou? A que vim? O que quero?

Araão

Com duas palavras: Quem a autorizou a pôr os pés nesta casa?

Magnifica

Basta, senhor. Chegamos ponto na conversa. Estou porque estou, vim e quero o que quero!

Araão

Chau! Não levante a voz!

Magnifica

A voz que se levanta, não é minha. É voz do sangue! É, agora, faça as suas malas, e olhe da rua!

Araão

Oltra vez olho da rua! A senhora não sabe o que diz! A senhora está mentecapta!

Magnifica

Não sei o que digo. Esperte!

Araão

Capta, D. Magnifica. Mentecapta! Sabe, por ventura, com quem está falando? Tem na sua presença o...

Magnifica

O procurador da Carmo, bem sei. E, por isso mesmo, rua!

Ararã

Procurador, eu? *(as gargalhadas)* Ah! ah! ah!
Upa, senhora, upa! *(agarrando-a por um braço)*
Sabes quem sou eu, senhora D. Magnífica?
Sabes quem sou eu, mulher? Sou o homem
desta casa, sou o dono desta casa, sou o che-
fe desta casa. Sou o marido da D. Carmo!

Magnífica

O marido da Carmo? *(numa alucinação)* O mari-
do da minha...? *(caindo numa cadeira)* Ai que
até me falta o ar!

Ararã

Morre p'r'ahi, velha ignobil e miseravel!

Magnífica (num desespero)

Mas é horrivel! Não é possível! Parece in-
crível!

Ararã

Parece, mas não é.

Magnífica (arguendo-se)

Mas, desgraçado, o que foste fazer? Que tra-
gedia, meu Deus! que tragedia!

Ararã

Tragedia é eu estar a aturá-la... e demais a
mais sem botas. A senhora apanhou-me des-
calço e queria mandar-me passear. Mas, ago-

ra, chegou-me a vez de lhe dizer. Vho da
ma!

Magnifica

Para a ma, eu? Para a ma, a mãe da Carmo?
Para a ma, a tua sogra. Para a ma a tua es-
mulher e de quem a mulher é filha?

Aaráo (comagado)

A sogra?... A mãe?... A filha?... (caindo por
seu turno, numa cadeira) O da guarda! O da gu-
arda!

*Carmo (entrando com o copo
com agua, vendo-os) Os dois juntos?! Ele e
ela! Ai que eu sufoco! (bebe o copo de agua,
aplita)*

Aaráo

Então eu casei com a filha de minha mu-
lher? Então eu não a quiz apurar como
esposa, e tenho de gramá-la como sogra?
Então eu... O da guarda! O da guarda!

Scena XII

*Aaráo, Magnifica, Carmo, Luz, Rodolito
e Hipolito*

Luz

O que ha?

Rodolito

O que foi?

É outra vez revolução?

Lipolito

Daráo

Não é nada. É isto tudo! É a minha sogra que é minha mulher! É a minha mulher que é filha de minha mulher!

Magnífica (a Daráa)

Eu em o mandou casar com esta mulher, que era minha filha? (a Carmo) Carmo, para que casaste com esse homem que era o homem da tua mãe?

Carmo

Eu podia lá adivinhar que era filha da mãe! (a Daráa) Sr. Daráa Saavedra. Faça as suas malas. Vou requerer o divórcio!

Daráa

As malas, outra vez? Outra vez o divórcio! O senhores! Então eu não faço outra coisa senão casar-me para me descasar? Forçar a perder cama, mesa e roupa lavada? Pode lá ser!

Lipolito

Pode.

Podolito

Está claro que pôde

Leuz

Está visto que pôde

Magnifica

Pôde e deve. O senhor é um sem vergonha!

Larmo

Mais! O senhor é um bigamo, porque casou
duas vezes!

Ararã

Bigamo? Isso vigula! Quando repeti o con-
sorcio, já estava divorciado!

Larmo

Mas obrigou-me a casar com o marido de
minha mãe! Obrigou-me a uma ligação
criminosa.

Magnifica

Casou duas vezes; desliga-se duas vezes.

Ararã

Outra vez desligado de minha mulher? Mas,
então, depois de ser "bigamo" e passo a ser
"desliga-mo"!

Larmo

Basta, senhor. Vá fazer as suas malas e
vã!

Pua!

Magnifica

Pua! Pua!

Todos

Arao

Mas isso e' um abuso! Vocês apanharam-me descalço, e abusaram!

Carmo

Descalço? E verdade. O senhor não tem botas!
O que e' que o senhor fez as botas?

Arao

As botas? As botas... perdi-as. Estava com um amigo a conversar distraído... e depois... e depois esqueceram-me as botas no passeio.

Hipolito (a Magnifica)

E a pensão, Sr. D. Magnifica?

Magnifica

Só tenho uma palavra. Perco a pensão, mas acho a filha em que eu pensava.

Arao

Valha-me Deus! E se eu desmaiasse agora?

Teodorito (a Arao)

Para quê? Tem aqui amoniacó...

Hipolito (a Arao)

Deixe-se disso. Tem aqui flôr de laranja...

Carmo

Porque espera, senhor? Quere mais agua?
Ja' sabe que amanha vou requerer o divorcio.
Portanto...

Magnifica

Deixemo-nos de dijecadas inuteis. Pua?

Carmo

O Luiz: Acompanha este senhor.

Aras

Amanha? A senhora diz que vae requerer o
divorcio amanha, e poe-me no olho da rua?

Carmo e Magnifica

E entao?

Aras

O divorcio requerido amanha, so' pode tor-
nar-se definitivo daqui a um ano. Portanto,
durante esses 365 dias ainda tenho cama,
mesa e roupa lavada. (instalando-se, comoda-
mente, numa cadeira.) O Luiz! Faz-me as par-
tufas!

Fim do III acto

Pano rapido



Cod.
12155

